



PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

ALFAGUARA

# Mario Vargas Llosa

## Elogio da madrasta



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

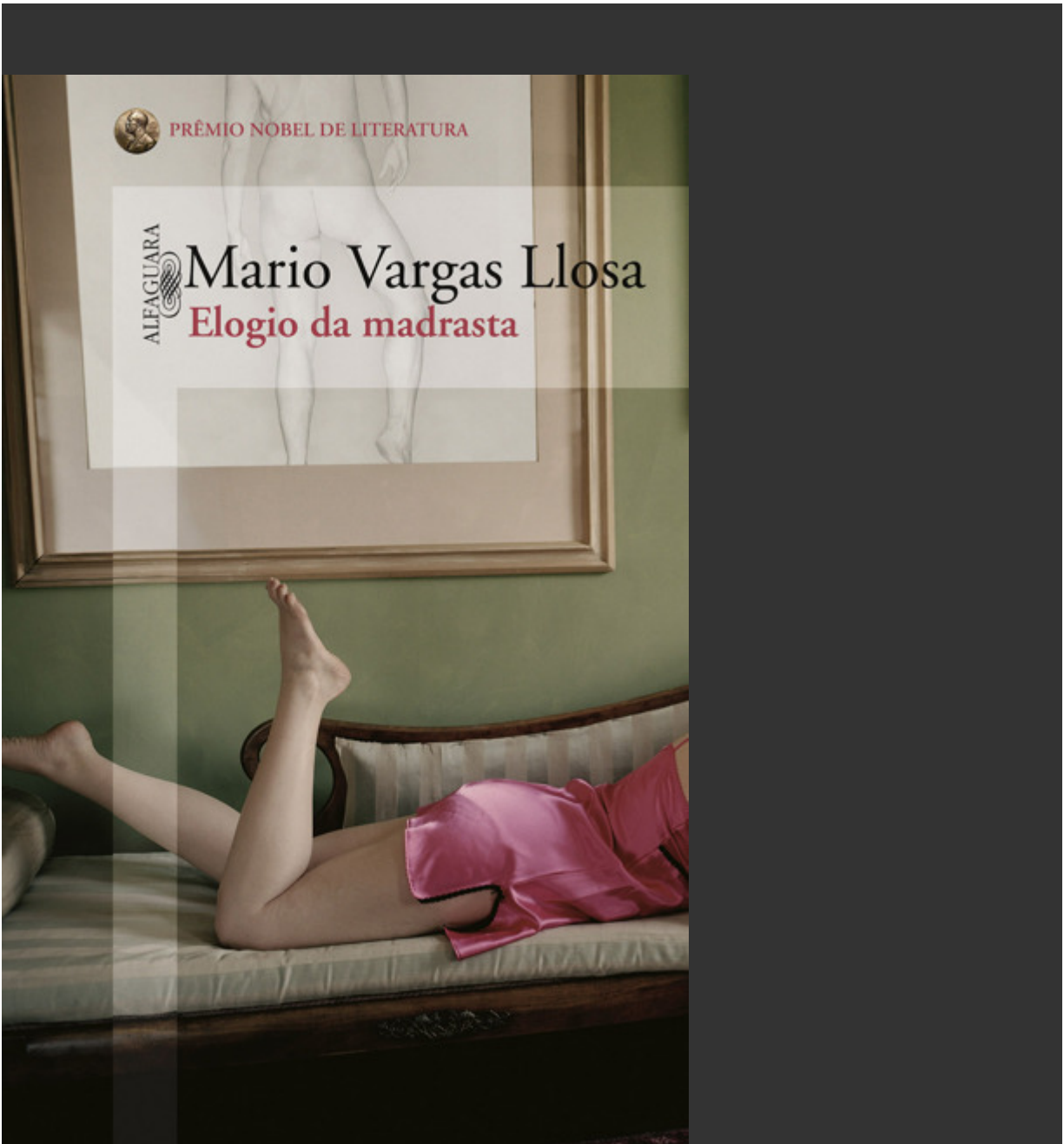
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



**MARIO VARGAS LLOSA**

Elogio da madrasta

*Tradução*

Ari Roitman e Paulina Wacht

ALFAGUARA



Copyright © Mario Vargas Llosa, 1988

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de qualquer tipo de reprodução completa ou parcial, à EDITORA OBJETIVA LTDA.  
Rua Cosme Velho, 103  
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090  
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825  
www.objetiva.com.br

Título original

*Elogio de la madrastra*

Capa

Raul Fernandes

Imagem de capa

Tim Macpherson / Getty Images

Preparação de originais

Elisabeth Xavier de Araújo

Revisão

Ana Julia Cury

Eduardo Carneiro

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V426e

Vargas Llosa, Mario

Elogio da madrastra [recurso eletrônico] / Mario Vargas Llosa ; tradução Ari Roitman, Paulina Wacht. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2012

recurso digital

Tradução de: *Elogio de la madrastra*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

120p. ISBN 978-85-7962-177-2 (recurso eletrônico)

1. Romance peruano. 2. Livros eletrônicos. I. Roitman, Ari. II. Wacht, Paulina. III. Título.

12-5751 CDD: 868.99353

*A Luis G. Berlanga,  
com carinho e admiração.*

*Il faut porter ses vices comme un manteau royal, sans hâte.  
Comme une auréole qu'on ignore, dont on fait semblant de ne pas  
s'apercevoir.*

*Il n'y a que les êtres à vice dont le contour ne s'estompe dans  
la boue hialine de l'atmosphère.*

*La beauté est un vice, merveilleux, de la forme.*

**CÉSAR MORO, *Amour à mort***



# O aniversário de dona Lucrecia

No dia em que fez quarenta anos, dona Lucrecia encontrou em cima do travesseiro uma missiva de traço infantil, caligrafada com muito carinho:

Feliz aniversário, madrasta!

Não tenho dinheiro para lhe dar nada, mas vou estudar muito, tirar o primeiro lugar e isso vai ser o seu presente. Você é a melhor e a mais bonita de todas e eu sonho toda noite com você.

Feliz aniversário outra vez!

*Alfonso*

Já era depois de meia-noite e don Rigoberto estava no banheiro entregue às suas abluções de antes de dormir, que eram complicadas e lentas. (Depois da pintura erótica, a limpeza corporal era seu passatempo favorito; a espiritual não o inquietava tanto.) Emocionada com a carta do menino, dona Lucrecia sentiu o impulso irresistível de procurá-lo, de agradecer. Aquelas linhas eram, na verdade, sua aceitação na família. Estaria acordado? Não havia problema! Caso contrário, beijaria sua testa com muito cuidado para não incomodá-lo.

Enquanto descia a escadaria atapetada da mansão às escuras rumo ao quarto de Alfonso, pensava: “Eu consegui, ele já gosta de mim.” E seus velhos temores em relação ao menino começaram a se evaporar como uma névoa ligeira corroída pelo sol do verão limenho. Tinha esquecido de vestir o roupão, estava nua por baixo da leve camisola de seda preta e suas formas brancas, abundantes, ainda duras, pareciam flutuar na penumbra entrecortada pelos reflexos da rua. Estava com a longa cabeleira solta e ainda não tinha tirado os brincos, anéis e colares da festa.

No quarto do menino — é verdade, Foncho sempre ficava lendo até tardíssimo! — havia luz. Dona Lucrecia bateu com os nós dos dedos e entrou: “Alfonsito!” No cone amarelado que a lâmpada do

abajur irradiava, por trás de um livro de Alexandre Dumas, apareceu, assustada, uma carinha de Menino Jesus. Os cachos despenteados de cabelo dourado, a boca entreaberta por causa da surpresa mostrando a dupla fileira de dentes branquíssimos, os grandes olhos azuis arregalados tentando resgatá-la das sombras da soleira. Dona Lucrecia permanecia imóvel, observando-o com ternura. Que menino bonito! Um anjo de nascença, um desses pajens daquelas gravuras galantes que seu marido escondia e trancava a quatro chaves.

— É você, madrasta?

— Que cartinha mais linda você me escreveu, Foncho. É o melhor presente de aniversário que já me fizeram, juro.

O menino tinha dado um pulo e estava já de pé em cima da cama. Sorria, de braços abertos. Enquanto avançava para ele, também risonha, dona Lucrecia surpreendeu — adivinhou? — nos olhos do enteado um olhar que passava da alegria ao desconcerto e se fixava, atônito, em seu busto. “Meu Deus, você está quase nua”, pensou. “Como foi se esquecer do roupão, sua boba. Que espetáculo para o pobre menino.” Tinha bebido mais taças do que devia?

Mas Alfonsito já a abraçava: “Feliz aniversário, madrasta!” Sua voz, fresca e despreocupada, fazia a noite rejuvenescer. Dona Lucrecia sentiu aquela silhueta delgada de ossinhos frágeis contra o seu corpo e pensou num passarinho. Imaginou que se o apertasse com muito ímpeto o menino se quebraria como um bambu. Assim, ele em pé sobre o leito, ficavam da mesma altura. Tinha enroscado seus magros braços no seu pescoço e a beijava amorosamente na bochecha. Dona Lucrecia também o abraçou e uma das suas mãos, deslizando por baixo do paletó do pijama azul-marinho com filetes vermelhos, passou pelas costas do menino, apalpando e sentindo na gema dos dedos a delicada escadaria da sua espinha dorsal. “Amo muito você, madrasta”, sussurrou a vizinha junto ao seu ouvido. Dona Lucrecia sentiu dois breves lábios que se detinham ante o lóbulo inferior da sua orelha, aqueciam-no com seu hálito e depois o beijavam e mordiscavam, brincando. Teve a impressão de que, enquanto a acariciava, Alfonsito ria. Seu peito transbordava de

emoção. E pensar que suas amigas tinham vaticinado que aquele enteado seria seu maior obstáculo, que por culpa dele jamais chegaria a ser feliz com Rigoberto. Comovida, beijou-o também, nas bochechas, na testa, no cabelo desgrenhado, enquanto, vagamente, como que vindo de longe, quase sem que ela se desse conta disso, uma sensação diferente ia se infiltrando de um confim ao outro do seu corpo, concentrando-se principalmente naquelas partes — os peitos, o ventre, o dorso das coxas, o pescoço, os ombros, as bochechas — expostas ao contato com o menino. “Você me ama muito, de verdade?”, perguntou, tentando se afastar. Mas Alfonsito não a soltava. E, ao contrário, enquanto respondia, cantarolando, “Muitíssimo, madrasta, você é quem eu mais amo no mundo”, pendurou-se nela. Depois, suas mãozinhas a pegaram pelas têmporas e puxaram sua cabeça para trás. Dona Lucrecia sentiu-se bicada na testa, nos olhos, nas sobrancelhas, na bochecha, no queixo... Quando aqueles lábios magros roçaram nos seus, apertou os dentes, confusa. Será que Fonchito entendia o que estava fazendo? Devia afastá-lo com um puxão? Mas não, não, como podia haver qualquer malícia na revoada saltitante daqueles lábios travessos que, duas, três vezes, perambulando pela geografia do seu rosto, pousaram por um instante sobre os seus, pressionando com avidez.

— Bom, e agora é hora de dormir — disse afinal, escapando do menino. Fez um esforço para parecer mais à vontade do que estava.  
— Senão, você não vai acordar para ir ao colégio, pequenino.

O menino se deitou, concordando. Olhava risonho para ela, com as bochechas rosadas e uma expressão de entusiasmo. Como podia haver malícia nele! Aquela carinha límpida, os olhos regozijados, o pequeno corpo que se apertava e se encolhia sob os lençóis não eram a personificação da inocência? Podre é você, Lucrecia! Agasalhou-o, ajeitou o travesseiro, beijou seu cabelo e apagou a luz do abajur. Quando saía do quarto, ouviu-o piar:

- Vou tirar o primeiro lugar e lhe dar de presente, madrasta!
- Prometido, Fonchito?

— Palavra de honra!

Na intimidade cúmplice da escada, enquanto voltava para o quarto, dona Lucrecia sentiu que estava ardendo dos pés à cabeça. “Mas não é febre”, pensou, aturdida. Será possível que a carícia inconsciente de um menino a tivesse deixado assim? Você está ficando depravada, mulher. Seria o primeiro sintoma de envelhecimento? Porque a verdade é que estava encharcada, com as pernas molhadas. Que vergonha, Lucrecia, que vergonha! E, de repente, cruzou pela sua cabeça a lembrança de uma amiga licenciosa que, num chá em benefício da Cruz Vermelha, provocou rubores e risinhos nervosos na mesa ao contar que, quando fazia a sesta nua com um afilhadinho de poucos anos que coçava as suas costas, ficava acesa como uma tocha.

Don Rigoberto estava deitado de costas, nu em cima da colcha rubi com estampas que pareciam escorpiões. No quarto sem luz, apenas ligeiramente clareado pelo resplendor da rua, sua longa silhueta alva, hirsuta no peito e no púbis, permaneceu imóvel enquanto dona Lucrecia tirava os sapatos e se deitava ao seu lado, sem tocá-lo. Seu marido já estava dormindo?

— Onde você foi? — ouviu-o murmurar, com uma voz pastosa e arrastada de homem que fala em pleno crepitar das vontades, uma voz que ela conhecia tão bem. — Por que me abandonou, minha vida?

— Fui dar um beijo no Fonchito. Ele me escreveu uma carta de aniversário especial. Por pouco não me fez chorar, de tão carinhosa.

Adivinhou que ele mal a ouvia. Sentiu a mão direita de don Rigoberto roçando em sua coxa. Estava queimando, como uma compressa de água fervendo. Os dedos escarvaram, desajeitados, por entre as dobras e redobras da sua camisola. “Vai notar que estou encharcada”, pensou, incômoda. Foi um mal-estar fugaz, porque a mesma onda veemente que a tinha sobressaltado na escada voltou ao seu corpo, arrepiando-o. Sentiu todos os poros se abrirem, ansiosos, e aguardarem.

— Fonchito viu você de camisola? — fantasiou, excitada, a voz do marido. — Deve ter dado umas ideias ao pequeno. Vai ter seu primeiro sonho erótico esta noite, quem sabe.

Ouviu-o rir, excitado, e ela também riu: “O que está dizendo, seu bobo.” Ao mesmo tempo, fingiu atacá-lo, deixando cair sua mão esquerda sobre a barriga de don Rigoberto. Mas tocou foi numa haste humana levantando-se e pulsando.

— O que é isso? O que é isso? — exclamou dona Lucrecia, capturando-o, esticando-o, soltando-o, recuperando-o. — Olhe só o que encontrei, ora, que surpresa.

Don Rigoberto já a tinha puxado para cima de si e a beijava com deleite, sorvendo seus lábios, abrindo-os. Por um bom tempo, de olhos fechados, enquanto sentia a ponta da língua do marido explorando a cavidade da sua boca, passeando pelas gengivas e o palato, sem pressa para saborear e conhecer tudo, dona Lucrecia mergulhou num aturdimento feliz, sensação densa e palpitante que parecia amolecer seus membros e aboli-los, fazendo-a flutuar, cair, girar. No fundo do turbilhão de prazer que eram, ela, a vida, como que aparecendo e desaparecendo num espelho que perde o seu azougue, vez por outra se delineava uma carinha intrusa, de anjo rubicundo. Seu marido havia levantado a camisola e lhe acariciava as nádegas, num movimento circular e metódico, enquanto beijava os peitos. Ouviu-o murmurar que a amava, sussurrar meigamente que com ela tinha começado para ele a verdadeira vida. Dona Lucrecia beijou seu pescoço e mordiscou os mamilos até ouvi-lo gemer; depois, lambeu lentamente aqueles ninhos que tanto o exaltavam e que don Rigoberto tinha lavado e perfumado cuidadosamente para ela antes de ir se deitar: as axilas. Ouviu-o ronronar como um gato manhoso, contorcendo-se sob o seu corpo. Apressadas, suas mãos separavam as pernas de dona Lucrecia com uma espécie de exasperação. Colocaram-na de cócoras sobre ele, ajeitaram-na, abriram-na. Ela gemeu, dolorida e gozosa, enquanto, num redemoinho confuso, divisava uma imagem de São Sebastião flechado, crucificado e empalado. Tinha a sensação de ter levado uma chifrada no centro do coração. Não se conteve mais. Com os

olhos entrecerrados, as mãos atrás da cabeça, avançando os seios, cavalgou naquele potro de amor que se balançava com ela, ao seu compasso, ruminando palavras que mal podia articular, até sentir que ia desfalecer.

— Quem sou eu? — indagou, cega. — Quem você diz que eu fui?

— A esposa do rei da Lídia, meu amor — explodiu don Rigoberto, perdido no seu sonho.

Candaules, rei da Lídia





**Figura 1**

Sou Candaules, rei da Lídia, pequeno país situado entre a Jônia e a Cária, no coração daquele território que séculos mais tarde irão chamar de Turquia. O que mais me orgulha no meu reino não são suas montanhas rachadas pela secura nem seus pastores de cabras que, quando é preciso, enfrentam os invasores frígios e eólios e os dórios vindos da Ásia, derrotando-os, e os bandos de fenícios, lacedemônios e os nômades escitas que vêm pilhar nossas fronteiras, mas sim a garupa de Lucrecia, minha mulher.

Digo e repito: garupa. Não traseiro, nem bunda, nem nádegas nem rabo, e sim garupa. Porque quando eu a cavalgo, a sensação que me arrebatava é essa: a de estar sobre uma égua musculosa e aveludada, puro nervo e docilidade. É uma garupa dura e talvez tão enorme como dizem as lendas sobre ela, que correm pelo reino inflamando a fantasia dos meus súditos. (Todas elas chegam aos meus ouvidos mas não me irritam, antes me lisonjeiam.) Quando ordeno que ela se ajoelhe e beije o tapete com sua testa, de maneira que eu possa examiná-la à vontade, o precioso objeto alcança o seu mais feiticeiro volume. Cada hemisfério é um paraíso carnal; ambos, separados por uma delicada fenda de pelo quase imperceptível que se afunda no bosque de brancuras, negruras e sedosidades embriagadoras que coroam as firmes colunas das coxas, me fazem pensar num altar daquela religião bárbara dos babilônios que a nossa extinguiu. É dura ao tato e doce aos lábios; vasta no abraço e cálida nas noites frias, um travesseiro macio para repousar a cabeça e uma fonte de prazeres no momento do assalto amoroso. Penetrá-la não é fácil; até doloroso, a princípio, e mesmo heroico pela resistência que suas carnes rosadas opõem ao ataque viril. São necessárias uma vontade tenaz e uma vara profunda e perseverante, que não esmorecem diante de nada nem de ninguém, como as minhas.

Quando disse a Giges, filho de Dáscilo, meu guarda e ministro, que tenho mais orgulho das proezas realizadas por minha vara com Lucrecia na suntuosa nau cheia de velas do nosso leito que das

minhas façanhas no campo de batalha ou da equidade com que distribuo justiça, ele recebeu com gargalhadas o que pensava ser uma brincadeira. Mas não era: tenho mesmo. Duvido que muitos habitantes da Lídia possam me imitar. Certa noite — estava ébrio —, só por curiosidade chamei ao meu aposento Atlas, o mais bem-armado dos escravos etíopes. Fiz com que Lucrecia se inclinasse à sua frente e ordenei que ele a montasse. Não conseguiu, intimidado na minha presença ou porque era um desafio excessivo para as suas forças. Várias vezes o vi avançar, resoluto, empurrar, ofegar e depois se retirar, vencido. (Como o episódio mortificava a memória de Lucrecia, mais tarde mandei decapitar Atlas.)

Porque, na verdade, eu amo a rainha. Tudo na minha esposa é doce, delicado, em contraste com o esplendor exuberante da sua garupa: suas mãos e seus pés, sua cintura e sua boca. Tem o nariz arrebitado e uns olhos lânguidos, feitos de águas misteriosamente quietas que só o prazer e a cólera agitam. Eu a estudei como fazem os eruditos com os velhos in-fólios do Templo, e mesmo acreditando sabê-la de cor, todo dia — toda noite, melhor dizendo — descubro nela algo novo que me entenece: a linha suave dos seus ombros, o ossinho travesso do cotovelo, a finura do peito do pé, a redondeza dos seus joelhos e a transparência azul do bosquezinho das axilas.

Há quem se canse logo da sua mulher legítima. A rotina do casamento mata o desejo, filosofam, que encanto pode durar e fazer ferver as veias de um homem que dorme, ao longo de meses e de anos, sempre com a mesma mulher. Mas, apesar do tempo de casados que já temos, Lucrecia, minha senhora, não me cansa. Nunca me cansou. Quando vou à caça do tigre e do elefante, ou à guerra, sua lembrança acelera meu coração tal qual nos primeiros dias, e quando acaricio alguma escrava ou uma mulher qualquer para distrair a solidão das noites na tenda de campanha, minhas mãos sempre sentem uma dilacerante decepção: são apenas traseiros, nádegas, ancas, bundas. Só a dela — ai, amada! — é garupa. Por isso lhe sou fiel de coração; por isso a amo. Por isso componho poemas que recito ao seu ouvido e quando estamos a sós me jogo de bruços no chão para beijar-lhe os pés. Por isso enchi

seus cofres de joias e pedrarias e mandei trazer para ela, de todos os recantos do mundo, calçados, vestes e adornos que nunca vai conseguir estrear. Por isso a protejo e a venero como a mais deliciosa possessão do meu reino. Sem Lucrecia, a vida para mim seria a morte.

A história real do que ocorreu com Giges, meu guarda e ministro, não se parece muito com os falatórios sobre o caso. Nenhuma das versões que ouvi chega perto da verdade. Sempre é assim: embora a fantasia e a verdade tenham um mesmo coração, seus rostos são como o dia e a noite, como o fogo e a água. Não houve aposta nem troca de nenhuma espécie; tudo ocorreu de improviso, por um súbito rompante meu, obra da casualidade ou intriga de algum deusinho brincalhão.

Tínhamos assistido a uma interminável cerimônia no descampado vizinho ao Palácio, onde as tribos vassalas que vieram me apresentar seus tributos ensurdecaram nossos ouvidos com seus cantos selvagens e nos cegaram com a poeirada das acrobacias que seus cavaleiros faziam. Vimos também um par desses feiticeiros que curam os males com cinza de cadáveres e um santo que rezava girando sobre os calcanhares. Este último foi impressionante: impulsionado pela força da sua fé e pelos exercícios respiratórios que acompanhavam a dança — um ofegar rouco e crescente que parecia sair-lhe das vísceras —, ele se transformou num redemoinho humano e, em dado momento, sua velocidade tirou-o da nossa vista. Quando se corporizou de novo e se deteve, estava suando como os cavalos depois de uma carga e com a palidez abobalhada e os olhos aturdidos de quem viu um deus ou vários.

Meu ministro e eu estávamos falando dos feiticeiros e do santo enquanto saboreávamos uma taça de vinho grego, quando o bom Giges, com a fâisca maliciosa que a bebida deposita em seu olhar, baixou a voz de repente para me sussurrar:

— A egípcia que comprei tem o traseiro mais belo que a Providência já concedeu a uma mulher. O rosto é imperfeito; os peitos, miúdos, e ela sua em excesso; mas a abundância e a generosidade do seu posterior compensam amplamente todos os

defeitos. Uma coisa cuja lembrança me provoca vertigem, Majestade.

— Mostre-me esse e eu te mostrarei outro. Compararemos e decidiremos qual é o melhor, Giges.

Vi que ele se desconcertava, piscava e entreabria os lábios para não dizer nada. Será que pensou que eu estava caçoando? Temeu ter ouvido errado? Meu guarda e ministro sabia muito bem de quem falávamos. Formulei essa proposta sem pensar, mas, uma vez feita, uma minhoquinha adocicada começou a roer meu cérebro e a me causar ansiedade.

— Ficou mudo, Giges. O que foi?

— Não sei o que dizer, senhor. Estou confuso.

— É o que vejo. Enfim, responde. Aceita a minha oferta?

— Vossa Majestade sabe que seus desejos são os meus.

Assim começou tudo. Primeiro fomos à sua residência e, no fundo do jardim, onde ficam as termas a vapor, enquanto suávamos e seu massagista rejuvenescia os nossos membros, examinei a egípcia. Uma mulher muito alta, com o rosto avariado pelas cicatrizes que sua raça faz nas moças púberes para consagrá-las ao seu sangrento deus. Já tinha deixado a juventude para trás. Mas era interessante e atraente, admito. Sua pele de ébano brilhava entre as nuvens de vapor como se tivesse sido envernizada, e todos os seus movimentos e atitudes revelavam uma extraordinária soberba. Não havia nela nem um resquício do abjeto servilismo tão frequente nos escravos para ganhar o favor dos seus donos, mas sim uma elegante frieza. Não entendia o nosso idioma mas decifrava imediatamente as instruções que seu amo lhe transmitia mediante gestos. Quando Giges indicou o que queríamos ver, ela, envolvendo-nos os dois por alguns segundos com seu olhar sedoso e depreciativo, deu meia-volta, inclinou-se e levantou a túnica com ambas as mãos, oferecendo-nos seu mundo traseiro. Era notável, de fato, e milagroso para quem não fosse o marido da rainha Lucrecia. Duro e esférico, sim, de curvas suaves e uma pele imberbe e granulada, com reflexos azuis, pela qual o olhar deslizava como sobre o mar.

Felicitei-a e também felicitei o meu guarda e ministro por ser proprietário de tão doce delícia.

Para cumprir a parte que me correspondia da proposta, tivemos que agir com o maior sigilo. Aquele episódio com Atlas, o escravo, tinha sido profundamente chocante para a minha mulher, como já disse; Lucrecia se prestou a fazer aquilo porque atende a todos os meus caprichos. Mas a vi tão envergonhada enquanto Atlas e ela representavam inutilmente a fantasia que tramei, que jurei a mim mesmo nunca mais submetê-la à prova semelhante. Ainda hoje, transcorrido tanto tempo desde aquela ocorrência, quando do pobre Atlas só devem restar uns ossos polidos no hediondo barranco cheio de abutres e falcões onde foram jogados seus restos, a rainha às vezes acorda de noite, sobressaltada de angústia nos meus braços, pois no sonho a sombra do etíope voltou a se inflamar em cima dela.

Portanto dessa vez fiz as coisas sem que minha amada soubesse. Pelo menos era a minha intenção, se bem que, reconsiderando as coisas, fuçando nos resquícios da minha memória o que aconteceu naquela noite, às vezes tenho dúvidas.

Fiz Giges entrar pela portinhola do jardim e o introduzi no aposento enquanto as aias despiam Lucrecia e a perfumavam e a untavam com as essências que eu gosto de cheirar e saborear sobre seu corpo. Indiquei ao meu ministro que se ocultasse atrás do cortinado da varanda e que procurasse não se mexer nem fazer o menor ruído. Desse ponto, ele tinha uma visão perfeita do belíssimo dossel de colunas lavradas, com escadas e cortinas de cetim vermelho, cheio de almofadinhas, sedas e preciosos bordados, onde toda noite a rainha e eu travamos nossos encontros amorosos. E apaguei todas as lamparinas de maneira que o quarto ficou iluminado somente pelas línguas crepitantes da lareira.

Lucrecia entrou logo depois, flutuando numa vaporosa túnica semitransparente de seda branca, com filigranas de renda nos punhos, no pescoço e na bainha. Usava um colar de pérolas, uma touca e, nos pés, sandálias de madeira e feltro, de salto alto.

Deixei-a assim por um bom tempo, degustando-a com os olhos e oferecendo ao meu bom ministro aquele espetáculo dos deuses. E enquanto a contemplava e pensava que Giges também o fazia, a maliciosa cumplicidade que nos unia subitamente me inflamou de desejo. Sem dizer uma palavra avancei em sua direção, rodei seu corpo no leito e montei em cima dela. Enquanto a acariciava, me aparecia na mente a cara barbada de Giges e a ideia de que ele estava nos vendo me efervescia ainda mais, polvilhando meu prazer com um tempero agridoce e picante até então ignorado por mim. E ela? Adivinhava alguma coisa? Sabia de algo? Porque creio que nunca a senti tão ferosa como dessa vez, nunca tão ávida na iniciativa e na réplica, tão temerária na dentada, no beijo e no abraço. Quem sabe pressentia que, nessa noite, quem gozava naquela habitação avermelhada pelo fogo e pelo desejo não éramos dois, e sim três.

Quando, ao amanhecer, Lucrecia já adormecida, eu me afastei do leito nas pontas dos pés, para guiar o meu guarda e ministro até a saída do jardim, encontrei-o tremendo de frio e de pasmo.

— Tinha razão, Majestade — balbuciou, extasiado e trêmulo. — Eu a vi, e é tão extraordinária que não posso acreditar. Vi, mas até agora penso que sonhei.

— Esquece tudo o quanto antes e para sempre, Giges — ordenei. — Eu te concedi esse privilégio num estranho arrebatamento, sem ter meditado antes, pelo apreço que te tenho. Mas cuidado com a língua. Eu não gostaria que esta história virasse falatório de taverna e mexerico de mercado. Posso me arrepender de tê-lo trazido aqui.

Ele jurou que nunca diria uma palavra.

Mas disse. Se não, como correriam tantas histórias sobre o fato? As versões se contradizem, cada qual mais desatinada e mais falsa. Chegam até nós e, embora no começo nos irritassem, agora nos divertem. É algo que passou a fazer parte deste pequeno reino meridional daquele país que séculos mais tarde hão de chamar de Turquia. Tal como suas montanhas ressecadas e seus súditos rústicos, tal como suas tribos itinerantes, seus falcões e seus ursos.

Afinal de contas, não me desagrade a ideia de que, uma vez transcorrido o tempo, levando consigo tudo o que agora existe e me rodeia, só perdure para as gerações do futuro, nas águas do naufrágio da história da Lídia, redonda e solar, generosa como a primavera, a garupa da rainha Lucrecia, minha mulher.



As orelhas da quarta-feira

“São como as conchas que capturam, no seu labirinto de madrepérola, a música do mar”, fantasiou don Rigoberto. Suas orelhas eram grandes e bem-desenhadas; ambas, embora principalmente a esquerda, tendiam a afastar-se da sua cabeça pelo alto e a curvar-se sobre si mesmas, decididas a monopolizar todos os ruídos do mundo só para elas. Quando era menino ele se envergonhava do seu tamanho e da sua forma caída, mas tinha aprendido a aceitá-las. E agora, que dedicava uma noite por semana exclusivamente a cuidar delas, até se sentia orgulhoso. Porque, ainda por cima, de tanto experimentar e insistir, conseguiu que esses apêndices sem graça também participassem, com a alacridade da boca ou a eficácia do tato, de suas noites de amor. Lucrecia também gostava delas e, na intimidade, prodigalizava-lhes risinhos elogios. No auge dos embates conjugais costumava apelidá-las: “Meus duminhos.”

“Flores abertas, asas sensíveis, auditórios para a música e os diálogos”, poetizou don Rigoberto. Examinava cuidadosamente com a lupa as bordas cartilagosas da sua orelha esquerda. Sim, já estavam aparecendo novamente as cabecinhas dos pelos extirpados na quarta-feira passada. Eram três, assimétricos, como os pontos em que se cortam os lados de um triângulo isósceles. Imaginou a escovinha escura em que eles se transformariam se os deixasse crescer, se desistisse de exterminá-los, e foi tomado por uma passageira sensação de náusea. Rapidamente, com a destreza de uma prática assídua, apertou essas pontas pilosas entre os dentes da pinça e arrancou-as, uma depois da outra. O puxão com cócegas que acompanhou a extirpação lhe provocou um delicioso calafrio. Pensou então que dona Lucrecia desembaraçava, acorçada, com seus dentes brancos e regulares, os pelos crespos do seu púbis. Essa ideia lhe provocou uma meia ereção. Reprimiu-a no ato, imaginando uma mulher peluda, com as orelhas cheias de madeixas lisas e um buço pronunciado em cujas sombras tremeriam gotas de suor. Então lembrou que um colega do ramo de seguros tinha lhe contado, certa vez, ao voltar de umas férias no Caribe, que a rainha

indiscutível de um prostíbulo de Santo Domingo era uma mulata robusta que exibia, entre os seios, um inesperado penacho. Tentou imaginar Lucrecia com um atributo semelhante — uma crina sedosa! — entre seus alvos peitos, e sentiu horror. “Sou cheio de preconceitos em matéria amorosa”, confessou-se. Mas por ora não tinha intenção de renunciar a nenhum deles. Cabelo é muito bom, um poderoso enfeite sexual, desde que situado no lugar devido. Na cabeça e no monte de Vênus, bem-vindo e imprescindível; nas axilas, tolerável uma que outra vez, para provar e conhecer de tudo (era uma obsessão europeia, parecia), mas em braços e pernas decididamente não; e entre os seios, jamais!

Empreendeu o exame da sua orelha esquerda, com a ajuda dos espelhos convexos que usava para se barbear. Não, em nenhum dos ângulos, protuberâncias ou curvas do pavilhão tinham brotado novos pelos, além daqueles três mosqueteiros cuja presença um belo dia detectara, surpreso, alguns anos antes.

“Esta noite não vou fazer, vou ouvir amor”, decidiu. Era possível, tinha conseguido outras vezes e Lucrecia também se divertia, pelo menos como preliminar. “Deixe eu ouvir seus seios”, murmuraria, e, ajeitando amorosamente, primeiro um, depois o outro, os bicos dos peitos da esposa na hipersensível gruta dos seus ouvidos — encaixavam um na outra como um pé num mocassim —, escutaria de olhos fechados, reverente e enlevado, concentrado como na elevação da hóstia, até ouvir que chegavam à aspereza terrosa de cada botão, provenientes de subterrâneas profundidades carnis, certas cadências sufocadas, talvez o arfar dos poros se abrindo, talvez o fervor do sangue convulsionado pela excitação.

Estava depilando as excrescências capilares da orelha direita. Identificou de repente um forasteiro: o pelo solitário se balançava, ignominioso, no centro da torneada pontinha do lóbulo. Extirpou-o com um ligeiro puxão e, antes de jogá-lo na pia para que a água o empurrasse pelo ralo, examinou-o com desagrado. Continuariam aparecendo novos pelos, nos anos vindouros, em suas grandes orelhas? Em todo caso ele não desistiria nunca; mesmo no seu leito de morte, se ainda tivesse forças, continuaria destruindo-os

(podando-os, melhor dizendo?). No entanto, depois, quando seu corpo jazesse sem vida, os intrusos iriam brotar à vontade, crescer, enfear seu cadáver. Aconteceria a mesma coisa com suas unhas. Don Rigoberto pensou que essa deprimente perspectiva era um argumento irrefutável a favor da cremação. Sim, o fogo impediria a imperfeição póstuma. As chamas o fariam desaparecer ainda perfeito, frustrando os vermes. Esse pensamento o aliviou.

Enquanto enrolava umas bolinhas de algodão na ponta de um grampo e as umedecia com água e sabão para limpar a cera acumulada no interior do ouvido, antecipou o que aqueles limpos funis ouviriam dentro de pouco, descendo dos seios para o umbigo da sua esposa. Ali não precisariam de esforço para surpreender a música secreta de Lucrecia, pois uma verdadeira sinfonia de sons líquidos e sólidos, prolongados e breves, difusos e nítidos, viria revelar-lhe a sua vida soterrada. Antecipou com gratidão como se emocionaria ao captar, através desses órgãos que agora escarvava com minucioso afeto, desembaraçando-os da película oleosa que periodicamente se formava neles, algo da existência secreta do seu corpo: glândulas, músculos, vasos sanguíneos, folículos, membranas, tecidos, filamentos, tubos, trompas, toda essa rica e sutil orografia biológica que jazia sob a tersa epiderme do abdômen de Lucrecia. "Amo tudo o que existe dentro ou fora dela", pensou. "Porque tudo nela é ou pode ser erógeno."

Não estava exagerando, levado pelo sentimento de ternura que a irrupção dela nas suas fantasias sempre lhe provocava. Não, nem um pouco. Pois, graças à sua perseverante obstinação, tinha conseguido se apaixonar pelo todo e por cada uma das partes da sua mulher, amar todos os componentes desse universo celular por separado e em conjunto. Sabia-se capaz de responder eroticamente, com uma pronta e robusta ereção, ao estímulo de qualquer de seus infinitos ingredientes, até o mais ínfimo, até — para o hominídeo comum — o mais inconcebível e repelente. "Aqui jaz don Rigoberto, que chegou a amar o epigástrico tanto como a vulva ou a língua da sua esposa", filosofou que seria um justo epitáfio para o mármore do seu túmulo. Mentiria aquela inscrição funerária? De modo algum.

Pensou como ficaria aturdido, dentro em breve, com os surdos deslocamentos aquosos que suas orelhas surpreenderiam quando se espremessem avaras contra o flácido estômago e, agora, já estava ouvindo os graciosos ruídos gorgolejantes daquele flato, o alegre peidinho estalante, o gargarejo e o bocejo vaginal, o lânguido espreguiçar de sua intestina serpe. E já se ouvia sussurrando, cego de amor e de luxúria, as frases com que costumava homenagear sua esposa enquanto a acariciava. "Esses barulhinhos também são você, Lucrecia; são o seu concerto, a sua pessoa sonora." Tinha certeza de que poderia reconhecê-los imediatamente, distingui-los dos sons produzidos pelo ventre de qualquer outra mulher. Era uma hipótese que não teria oportunidade de verificar, pois nunca tentaria a experiência de ouvir amor com alguma outra. Para que faria isso? Lucrecia não era um oceano sem fundo que ele, mergulhador amante, jamais terminava de explorar? "Eu te amo", murmurou, sentindo novamente o amanhecer de uma ereção. Conjurou-a com um peteleco que, além de dobrá-lo em dois, provocou-lhe um ataque de riso. "Quem ri a sós, lembra das suas maldades!", ouviu que, do quarto, sua mulher o repreendia. Ah, se Lucrecia soubesse de que estava rindo.

Ouvir a voz dela, confirmar a sua proximidade e a sua existência, encheu-o de satisfação. "A felicidade existe", repetiu, como todas as noites. Sim, desde que fosse procurada onde era possível. No corpo próprio e no da amada, por exemplo; a sós e no banheiro; durante horas ou minutos numa cama compartilhada com o ser tão desejado. Porque a felicidade era temporária, individual, excepcionalmente dual, raríssima vez tripartida e nunca coletiva, municipal. Estava escondida, pérola em sua concha marinha, em certos ritos ou práticas cerimoniais que ofereciam ao ser humano lufadas e miragens de perfeição. É preciso se contentar com essas migalhas para não viver ansioso e desesperado, apalpando o impossível. "A felicidade se esconde no orifício das minhas orelhas", pensou, de bom humor.

Tinha acabado de limpar os condutos de ambos os ouvidos e ali estavam, sob os seus olhos, as bolinhas de algodão úmido,

impregnadas do humor amarelo oleoso que acabava de tirar. Faltava ainda enxugá-los, para que aquelas gotas de água não cristalizassem alguma imundície antes de evaporarem. Enrolou mais duas bolinhas de algodão no grampo e esfregou os condutos tão suavemente que parecia estar massageando-os ou acariciando-os. Depois jogou as bolinhas no vaso e puxou a descarga. Limpou o grampo e guardou-o na caixinha de aloé da sua mulher.

Olhou seus ouvidos no espelho para uma última inspeção. Sentiu-se satisfeito e cheio de ânimo. Ali estavam aqueles cones cartilagosos, limpos por fora e por dentro, prontos para se inclinar e ouvir com respeito e incontinência o corpo da amada.

Olhos como vaga-lumes

“Fazer quarenta anos não é, então, tão terrível assim”, pensou dona Lucrecia, espreguiçando-se no quarto às escuras. Sentia-se jovem, bela e feliz. A felicidade existia, então? Rigoberto dizia que sim, “em certos momentos e para nós dois”. Não era uma palavra oca, um estado que só os bobos atingiam? Seu marido a amava, demonstrava isso diariamente com mil detalhes delicados e quase todas as noites solicitava seus favores com ardor juvenil. Ele também parecia ter rejuvenescido desde que, há quatro meses, decidiram se casar. Os temores que a inibiram durante tanto tempo de fazê-lo — seu primeiro matrimônio tinha sido desastroso, e o divórcio, um pesadelo aflitivo de rábulas gananciosos — se esfumaram. Desde o primeiro momento tomou posse do seu novo lar com mão segura. A primeira coisa que fez foi mudar a decoração de todos os aposentos para que nada lembrasse a falecida esposa de Rigoberto, e agora governava a casa com desenvoltura, como se sempre tivesse sido a patroa. Só a cozinheira anterior lhe demonstrou certa hostilidade e foi preciso substituí-la. Os outros empregados se deram muito bem com ela. Principalmente Justiniana, que, promovida por dona Lucrecia à categoria de aia, foi um achado: eficiente, esperta, limpíssima e de uma devoção a toda prova.

Mas seu maior êxito era na relação com o menino. Era essa sua principal preocupação, antes, algo que imaginava como um obstáculo insuperável. “Um enteado, Lucrecia”, pensava, quando Rigoberto insistia que eles precisavam acabar com seus amores semiclandestinos e se casar de uma vez. “Não vai funcionar nunca. Esse menino vai me odiar para sempre, vai infernizar a minha vida e mais cedo ou mais tarde vou terminar odiando-o também. Quando já se viu um casal feliz com filhos alheios?”

Nada disso aconteceu. Alfonsito a adorava. Sim, era este o verbo certo. Talvez demais, até. Embaixo dos tépidos lençóis, dona Lucrecia se espreguiçou novamente, esticando-se e encolhendo-se como uma lenta serpente. Não havia tirado aquele primeiro lugar



para ela? Lembrou do seu rostinho ruborizado, o triunfo dos seus olhos cor de céu quando lhe estendeu o boletim com as notas:

— Aqui está o seu presente de aniversário, madrastra. Posso lhe dar um beijo?

— Claro que sim, Fonchito. Pode dar dez.

Ele pedia e dava beijos o tempo todo, com uma exaltação que, às vezes, fazia Lucrecia ficar desconfiada. Seria verdade que o menino a amava tanto? Sim, ela o tinha conquistado com todos aqueles presentes e mimos desde que pôs os pés nesta casa. Ou será que, como fantasiava Rigoberto dando asas ao desejo nos seus afãs noturnos, Alfonsito estava despertando para a vida sexual e as circunstâncias tinham dado a ela o papel de inspiradora? “Que disparate, Rigoberto. Ele é ainda tão pequeno, acabou de fazer a primeira comunhão. Que absurdos você diz.”

Mas, embora nunca fosse admitir tal coisa em voz alta, e muito menos na frente do marido, quando ficava sozinha, como agora, dona Lucrecia se perguntava se o menino não estava realmente descobrindo o desejo, a poesia nascente do corpo, valendo-se dela como estímulo. A atitude de Alfonsito a deixava intrigada, parecia ao mesmo tempo tão inocente e tão equívoca. Lembrou-se então — era um episódio da sua adolescência que nunca mais esqueceu — daquele desenho casual que viu uma vez as graciosas patinhas de uma gaivota riscarem na areia do Clube Regatas; ela se aproximou para olhar, esperando encontrar uma forma abstrata, um labirinto de retas e curvas, e o que viu lhe pareceu mais um falo giboso! Será que Foncho tinha consciência de que, quando colocava os braços em volta do seu pescoço como fazia, quando a beijava daquela maneira lenta, buscando seus lábios, infringia os limites do tolerável? Impossível saber. O menino tinha um olhar tão franco, tão doce, que dona Lucrecia achava impossível que a cabecinha rubicunda daquele primor que se vestia de pastorzinho nos Natais do Colégio Santa María pudesse abrigar pensamentos sujos, escabrosos.

“Pensamentos sujos”, sussurrou, a boca contra o travesseiro, “escabrosos. Rá-rá-rá!”. Sentia-se bem-humorada e um calorzinho

delicioso subia por suas veias, como se seu sangue tivesse se transubstanciado em vinho morno. Não, Fonchito não podia suspeitar que aquilo era brincar com fogo, suas efusões eram ditadas sem dúvida por um instinto obscuro, uma reação inconsciente. Mas, mesmo assim, não deixavam de ser brincadeiras perigosas, não é mesmo, Lucrecia? Porque quando o via, pequenino, ajoelhado no chão, contemplando-a como se sua madrasta tivesse acabado de descer do Paraíso, ou quando seus bracinhos e seu corpo frágil se soldavam nela e seus lábios quase invisíveis de tão magros se aderiam em suas bochechas e roçavam nos seus — ela nunca permitia que permanecessem ali mais de um segundo —, dona Lucrecia não podia impedir que um golpe de excitação, uma lufada de desejo a sobressaltasse às vezes. “Você é que tem pensamentos sujos e escabrosos, Lucrecia”, murmurou, apertando-se contra o colchão, sem abrir os olhos. Será que um dia ia se tornar uma velha estridente, como algumas de suas companheiras de *bridge*? Seria isso o demônio do meio-dia? Acalme-se, lembre que você ficou viúva por dois dias — Rigoberto, em viagem de negócios, por questões de seguros, não voltaria até domingo — e, além do mais, chega de relaxar na cama. Levante-se, preguiçosa! Fazendo um esforço para sacudir a agradável modorra, pegou o interfone e mandou Justiniana trazer o café da manhã.

A moça entrou cinco minutos depois, com a bandeja, a correspondência e os jornais. Abriu as cortinas e a luz úmida, tristonha e cinzenta do setembro limenho invadiu o quarto. “Que feio é o inverno”, pensou dona Lucrecia. E sonhou com o sol do verão, as praias de areias ardentes de Paracas e a carícia salgada do mar em sua pele. Faltava tanto ainda! Justiniana pôs a bandeja sobre seus joelhos e ajeitou os almofadões para lhe servirem de encosto. Era uma morena esbelta, de cabelo crespo, olhos vivazes e voz musical.

— Tem uma coisa que não sei se lhe digo, senhora — murmurou, com uma careta tragicômica, enquanto lhe entregava o roupão e punha os chinelos ao pé da cama.

— Agora tem que dizer porque já abriu meu apetite — respondeu dona Lucrecia, enquanto mordida uma torrada e bebia um gole de

chá puro. — O que houve?

— Estou com vergonha, senhora.

Dona Lucrecia observou-a, divertida. Ela era jovem e, sob o avental azul do uniforme, as formas do seu corpinho se insinuavam frescas e elásticas. Que cara faria quando seu marido fazia amor com ela? Era casada com o porteiro de um restaurante, um negro alto e parrudo como um atleta que vinha trazê-la todas as manhãs. Dona Lucrecia lhe havia aconselhado a não complicar sua vida com filhos ainda tão jovem e a levá-la pessoalmente ao seu médico para que lhe receitasse anticoncepcionais.

— Outra briga entre a cozinheira e Saturnino?

— Não. É coisa do menino Alfonso — Justiniana baixou a voz, como se o menino pudesse ouvi-la do seu longínquo colégio, e fingiu estar mais confusa do que estava. — É que ontem à noite o peguei... Mas a senhora não vá dizer nada. Se o Fonchito souber que eu contei, me mata.

Dona Lucrecia se divertia com essas manhas e exageros com que Justiniana enfeitava tudo o que dizia.

— Onde o pegou? Fazendo o quê?

— Espiando a senhora.

Um instinto alertou dona Lucrecia sobre o que ia ouvir e ficou em guarda. Justiniana estava apontando para o teto do banheiro e agora sim parecia confusa de verdade.

— Podia ter caído no jardim e até morrer — sussurrou, movendo os olhos nas órbitas. — Por isso eu lhe conto, senhora. Quando ralhei com ele, falou que não era a primeira vez. Subiu no telhado muitas vezes. Para espiar a senhora.

— O que está dizendo?

— O que você ouviu — respondeu o menino, desafiante, quase heroico. — E vou continuar fazendo isso mesmo que escorregue e morra, pode ficar sabendo.

— Mas você ficou maluco, Fonchito. É muito errado, isso não se faz, poxa. O que don Rigoberto vai dizer se souber que você espia a

sua madrasta enquanto ela toma banho? Vai ficar zangado, bater em você. Além do mais, você pode morrer, olhe só como está alto.

— Eu não ligo — respondeu o menino, com uma resolução faiscante nos olhos. Mas instantaneamente se apaziguou e, encolhendo os ombros, acrescentou todo humilde: — Mesmo que meu pai me bata, Justita. Você vai me delatar, então?

— Não digo nada se você me prometer que não vai subir aqui nunca mais.

— Não posso prometer isso, Justita — exclamou o menino, com tristeza. — Eu não prometo o que não vou cumprir.

— Não está inventando tudo isso com a imaginação tropical que você tem? — balbuciou dona Lucrecia. Devia rir, ficar zangada?

— Pensei muito antes de me decidir a vir lhe contar, senhora. Porque eu gosto muito do Fonchito, ele é tão bonzinho. Mas é que subindo nesse telhado ele pode cair e morrer, juro.

Dona Lucrecia tentava em vão imaginá-lo lá em cima, encolhido como uma pequena fera, à espreita.

— Mas, mas não consigo acreditar. Tão certinho, tão bem-educado. Não o vejo fazendo uma coisa dessas.

— É que Fonchito se apaixonou pela senhora — suspirou a moça, tapando a boca e sorrindo. — Não me diga que não percebeu, porque eu não acredito.

— Que disparates você fala, Justiniana.

— Por acaso há idade para o amor, senhora? Alguns podem começar a se apaixonar na idade do Fonchito. E ele, que é tão esperto para tudo, ainda mais. Se a senhora tivesse ouvido o que ele me disse, ficaria boquiaberta. Como eu fiquei, poxa.

— O que está inventando agora, sua boba?

— Isso mesmo, Justita. Quando ela tira o roupão e entra na banheira cheia de espuma, não consigo dizer o que eu sinto. É tão, tão linda... Caem lágrimas dos meus olhos, igualzinho a quando eu comungo. Parece que estou vendo um filme, mesmo. Parece uma coisa que não sei explicar. Deve ser por isso que eu choro, não é?

Dona Lucrecia optou por cair na risada. A empregada se sentiu à vontade e sorriu também, com cara de cumplicidade.

— Só acredito na décima parte do que você me conta — disse por fim, levantando-se. — Mas, mesmo assim, tenho que fazer alguma coisa com esse menino. Cortar essas brincadeiras de uma vez por todas e o quanto antes.

— Não vá dizer ao patrão — rogou Justiniana, assustada. — Ele se zangaria muito e talvez batesse no menino. Fonchito nem percebe que está fazendo uma coisa errada. Palavra que não percebe. Ele é feito um anjinho, não diferencia o bem do mal.

— Não posso contar a Rigoberto, claro que não — confirmou dona Lucrecia, pensando em voz alta. — Mas tenho que pôr um ponto final nessa bobagem. Não sei como, mas imediatamente.

Sentia-se apreensiva e incômoda, irritada com o menino, com a aia e consigo mesma. O que devia fazer? Falar com Fonchito e repreendê-lo? Ameaçar contar tudo a Rigoberto? Qual seria sua reação? Sentir-se ferido, traído? Transmutaria violentamente em ódio o amor que agora lhe dedicava?

Ensaboando-se, acariciou os peitos fortes e grandes, de bicos eretos, e a cintura ainda grácil da qual saíam, como as duas metades de uma fruta, as amplas curvas dos seus quadris, e as coxas, as nádegas e as axilas depiladas e o pescoço alto e delicado adornado com uma pinta solitária. “Não vou envelhecer nunca”, rezou, como toda manhã ao tomar banho. “Nem que tenha que vender minha alma, ou o que for preciso. Nunca serei feia nem desventurada. Vou morrer bela e feliz.” Don Rigoberto a tinha convencido de que, dizendo, repetindo e crendo essas coisas, elas se tornariam verdadeiras. “Magia simpatética, meu amor.” Lucrecia sorriu: seu marido era um tanto excêntrico, mas, na verdade, ninguém se entediava com um homem assim.

Durante o resto do dia, enquanto dava instruções aos empregados, ia fazer compras, visitava uma amiga, almoçava, dava e recebia telefonemas, perguntava a si mesma o que fazer com o menino. Se o delatasse a Rigoberto, faria dele um inimigo e, então,

a velha premonição do inferno doméstico viraria realidade. Talvez o mais sensato fosse esquecer a revelação de Justiniana e, adotando uma atitude distante, ir paulatinamente socavando essas fantasias que, sem dúvida sem muita consciência de que o eram, o menino tinha forjado com ela. Sim, era o mais prudente: calar-se e, pouco a pouco, ir se afastando.

Essa tarde, quando Alfonsito, ao voltar do colégio, se aproximou para beijá-la, ela tirou rapidamente a bochecha e voltou a mergulhar na revista que estava folheando, sem lhe perguntar por suas aulas nem se tinha dever para amanhã. De soslaio, viu que sua carinha se compungia fazendo um bico. Mas não se comoveu e de noite deixou-o comer sozinho, sem descer para lhe fazer companhia como outras vezes (ela raramente jantava). Rigoberto ligou um pouco mais tarde, de Trujillo. Todas as negociações tinham ido bem e estava sentindo muitas saudades dela. Esta noite sentiria ainda mais, no seu triste quartinho do Hotel de Turistas. Nenhuma novidade em casa? Não, nenhuma. Cuide-se muito, amor. Dona Lucrecia ouviu um pouco de música, sozinha no quarto, e quando o menino veio lhe dar boa-noite respondeu friamente. Pouco depois, pediu a Justiniana que lhe preparasse o banho de espuma que sempre tomava antes de deitar.

Enquanto a jovem enchia a banheira e ela se despia, o mal-estar que a havia açoitado o dia inteiro apareceu de novo, intensificado. Teria agido bem tratando Fonchito daquela maneira? Apesar de si mesma, sentia pena ao recordar sua carinha decepcionada e surpresa. Mas por acaso não era a única maneira de acabar com aquela criancice que podia se tornar perigosa?

Estava quase dormindo na banheira, com água até o pescoço, vez por outra afastando com a mão ou com um pé as bolhas de sabão, quando Justiniana bateu na porta: podia entrar, senhora? Viu-a se aproximar, com a toalha numa das mãos e o seu roupão na outra. Estava com uma expressão muito alarmada. Imediatamente soube o que a garota ia lhe sussurrar: "Fonchito está lá em cima, senhora." Assentiu e com gesto imperioso mandou Justiniana ir embora.

Permaneceu imóvel na água por um bom tempo, evitando olhar para o teto. Será que devia? Apontar-lhe o dedo? Gritar, insultá-lo? Antecipou o estrondo atrás da escura cúpula de vidro sobre a sua cabeça; imaginou a figurinha agachada, seu susto, sua vergonha. Ouviu seu grito destemperado, viu-o correndo. Escorregaria, rolaria até o jardim com um som de bólido. Chegaria até ela a pancada seca do corpinho ao bater na balaustrada, ao esmagar a sebe de crótons, ao se enredar nos galhos embruxados do floripôndio. “Faça um esforço e se contenha”, disse, apertando os dentes. “Evite um escândalo. Evite, acima de tudo, qualquer coisa que possa terminar em tragédia.”

A cólera a fazia tremer da cabeça aos pés e seus dentes batiam, como se estivesse com muito frio. Subitamente se levantou. Sem se cobrir com a toalha, sem se encolher para que os olhinhos invisíveis só tivessem uma visão incompleta e fugaz do seu corpo. Não, ao contrário. Ela se ergueu empinando-se, abrindo-se, e, antes de sair da banheira, se espreguiçou, mostrando-se com desenvoltura e obscenidade, enquanto tirava a touca de plástico e sacudia o cabelo. E, quando saiu da banheira, em vez de vestir imediatamente o roupão, permaneceu nua, com o corpo brilhante de gotinhas de água, tenso, audaz, colérico. Então se enxugou bem devagar, membro por membro, passando e repassando a toalha pela pele uma e outra vez, ficando de lado, inclinando-se, às vezes parando, como que distraída por uma ideia repentina, numa posição de indecente abandono ou se contemplando minuciosamente no espelho. Com a mesma meticulosidade maníaca, depois esfregou cremes umectantes no corpo. E, enquanto posava dessa maneira para o invisível observador, seu coração vibrava de ira. O que você está fazendo, Lucrecia? Que descontroles eram esses, Lucrecia? Mas continuou se exibindo como não fizera antes para ninguém, nem para don Rigoberto, passeando de um lado para o outro do banheiro, nua, enquanto penteava o cabelo, escovava os dentes e borrifava colônia no corpo com um vaporizador. Enquanto protagonizava esse improvisado espetáculo, tinha o palpite de que aquilo que fazia era também uma sutil maneira de castigar o precoce

libertino escondido na noite, lá em cima, com imagens de uma intimidade que destruiriam de uma vez por todas a inocência que servia de álibi para as suas audácias.

Quando foi para a cama, ainda estava tremendo. Ficou muito tempo acordada, com saudades de Rigoberto. Estava contrariada pelo que tinha feito, detestava o menino com todas as suas forças e fazia esforços para não adivinhar o que significavam aquelas investidas de calor que, de tanto em tanto, eletrizavam os bicos dos seus seios. O que está havendo, mulher? Não se reconhecia. Seriam os quarenta anos? Ou efeito daquelas fantasias e extravagâncias noturnas do seu marido? Não, a culpa era toda do Alfonsito. "Esse menino está me corrompendo", pensou, desconcertada.

Quando, afinal, conseguiu dormir, teve um sonho voluptuoso que parecia animar uma das imagens da coleção secreta de don Rigoberto que ele e ela costumavam admirar e comentar juntos de noite, buscando inspiração para o seu amor.



Diana após o banho



**Figura 2**

Aquela, a da esquerda, sou eu, Diana Lucrecia. Sim, eu, a deusa do carvalho e dos bosques, da fertilidade e dos partos, a deusa da caça. Os gregos me chamam de Artemisa. Tenho parentesco com a Lua e Apolo é meu irmão. Entre os meus adoradores predominam as mulheres e os plebeus. Há templos em minha homenagem espalhados por todas as selvas do Império. À minha direita, inclinada, olhando o meu pé, está Justiniana, minha favorita. Acabamos de tomar banho e vamos fazer amor.

A lebre, os perdizes e faisões, fui eu que cacei este amanhecer, com as flechas que, retiradas das presas e limpas por Justiniana, voltaram para a sua aljava. Os sabujos são decorativos; raramente eu me sirvo deles quando vou caçar. Nunca, em todo caso, para capturar peças delicadas como as de hoje, porque suas mandíbulas as trituram até torná-las incomíveis. Esta noite comeremos esses animais de carne tenra e saborosa, temperados com especiarias exóticas, e beberemos o vinho de Capua até cair exaustas. Eu sei aproveitar a vida. É uma aptidão que fui aperfeiçoando sem descanso, com o passar do tempo e da história, e afirmo sem arrogância que neste domínio atingi a sabedoria. Quero dizer: a arte de degustar o néctar do prazer em todos os frutos — mesmo os podres — da existência.

O personagem principal não está no quadro. Melhor dizendo, não se vê. Anda lá por trás, escondido no arvoredor, espiando-nos. Com seus belos olhos cor de amanhecer meridional bem abertos e o rosto redondo acalorado pela ânsia, deve estar lá, acorocado, em transe, me adorando. Com seus cachos loiros entrelaçados na ramagem e seu pequeno membro de pele pálida erguido como um pendão, sorvendo-nos e devorando-nos com sua fantasia de infante puro, deve estar lá. Saber isso nos regozija e aumenta a malícia das nossas brincadeiras. Não é um deus nem um animalzinho, e sim da espécie humana. Cuida das cabras e toca pífano. Chamam-no de Foncín.

Justiniana o descobriu, nos idos de agosto, quando eu seguia o rastro de um cervo pelo bosque. O pastorzinho ia me acompanhando, embevecido, tropeçando, sem tirar os olhos de mim por um instante. Minha favorita diz que quando ele me viu, erguida — um raio de sol acendendo meus cabelos e enfurecendo minhas pupilas, todos os músculos do meu corpo tensos para disparar a flecha —, o pequeno caiu no choro. Ela se aproximou para consolá-lo e então percebeu que o menino estava chorando de felicidade.

“Não sei o que há comigo”, confessou, com as bochechas regadas de lágrimas, “mas toda vez que a minha senhora aparece no bosque, as folhas das árvores se transformam em luzeiros e todas as flores começam a cantar. Um espírito ardente entra em mim e aquece o meu sangue. Quando a vejo é como se, parado no chão, eu virasse pássaro e começasse a voar”.

“A forma do teu corpo lhe inspirou precocemente, com sua parca idade, a linguagem do amor”, filosofou Justiniana, depois de me relatar o episódio. “Tua beleza o arreata, como a cascavel faz com o colibri. Compadece-te dele, Diana Lucrecia. Por que não brincamos com o menino pastor? Divertindo-o, nós também nos divertiremos.”

Assim foi. Amante inata como eu, e, talvez, mais do que eu, Justiniana nunca se engana em assuntos que concernem ao prazer. É o que mais aprecio nela, ainda mais que seus quadris frondosos ou a sedosa penugem do seu púbis, de tato tão agradável ao paladar: sua fantasia rápida e seu instinto certo para reconhecer, entre os tumultos deste mundo, as fontes de entretenimento e de prazer.

Desde então brincamos com ele e, embora já haja transcorrido bastante tempo, a brincadeira é tão amena que não nos cansa. Cada dia nos distrai mais do que no anterior, trazendo novidade e bom humor à existência.

Aos seus encantos físicos, de deusinho viril, Foncín alia também o encanto espiritual da timidez. As duas ou três tentativas que fiz de me aproximar dele para dialogar foram vãs. Empalidece e, qual cervo arisco, começa a correr até se esfumar na ramagem como que por arte de necromancia. Murmurou para Justiniana um dia que a

mera ideia, não de me tocar, mas de estar perto de mim, de que eu olhe nos seus olhos e lhe dirija a palavra, o deixa atordoado, sem ação. “Uma senhora assim é intocável”, disse. “Sei que, se me aproximar dela, sua beleza me queimará como o sol da Líbia queimou a borboleta.”

Por isso fazemos nossas brincadeiras às escondidas. Cada vez uma diferente, simulacro que se parece com aqueles números de teatro em que deuses e homens se misturam para sofrer e se matar que os gregos, aqueles sentimentais, tanto apreciam. Justiniana, fingindo ser cúmplice dele e não a minha — na verdade, a astuta é cúmplice de ambos e antes de mais nada de si mesma —, instala o pastorzinho num rochedo, junto à gruta onde vou passar a noite. E então, à luz da fogueira de línguas encarnadas, me despe e unta meu corpo com o mel das doces abelhas da Sicília. É uma receita lacedemônia para manter o corpo terso e lustroso e que, além do mais, excita. Enquanto ela se inclina sobre mim, esfrega meus membros, move-os e os expõe à curiosidade do meu casto admirador, eu entrefecho os olhos. Enquanto desço pelo túnel das sensações e vibro com pequenos espasmos deleitosos, adivinho Foncín. Mais que isso: eu o vejo, cheiro, acarício, aperto e o faço desaparecer dentro de mim, sem necessidade de tocá-lo. Meu êxtase aumenta por saber que, enquanto gozo sob as diligentes mãos da minha favorita, ele também goza, ao meu compasso, comigo. Seu corpinho inocente, abrilhantado de suor enquanto me olha e se deleita me olhando, dá um toque de ternura que matiza e adoça o meu prazer.

Assim, escondido de mim por Justiniana entre as frondosidades do bosque, o pequeno pastor me viu dormir e acordar, atirar a lança e o dardo, vestir-me e me despir. Viu-me de cócoras em cima de duas pedras urinando minha urina loura num regato transparente no qual, água abaixo, logo depois ele se precipitará para beber. Viu-me decapitar gansos e estripar pombos para oferecer seu sangue aos deuses e descobrir nas suas vísceras as incógnitas do futuro. Viu-me acariciar e saciar a mim mesma e acariciar e saciar a minha favorita, e viu Justiniana e eu, submersas na correnteza, bebendo a água

cristalina da cascata cada uma na boca da outra, saboreando nossas salivas, nossos sucos e nosso suor. Não há exercício ou função, desenfreado e ritual do corpo ou da alma que não tenhamos representado para ele, proprietário privilegiado da nossa intimidade nos seus esconderijos itinerantes. Ele é o nosso bufão; mas também é o nosso dono. Serve-nos e nós o servimos. Sem termos nos tocado nem trocado uma palavra, gozamos juntos inúmeras vezes e não é injusto dizer que, apesar do insuperável abismo que nossas distintas naturezas e idades abrem entre ele e mim, estamos mais unidos do que o mais apaixonado casal de amantes.

Agora, neste mesmo instante, Justiniana e eu vamos atuar para ele, e Foncín, simplesmente permanecendo ali atrás, entre o muro de pedra e o arvoredado, também atuará para nós.

Em breve, esta eterna imobilidade se animará e será tempo, história. Os sabujos latirão, trinará o bosque, a água do rio correrá cantando entre o cascalho e os juncos e as densas nuvens viajarão para o Oriente, impulsionadas pelo mesmo ventinho brincalhão que agitará os cachos alegres da minha favorita. Ela se moverá, se inclinará e sua boquinha de lábios vermelhos beijará o meu pé e chupará cada um dos meus dedos como se chupa uma lima e um limão nas calorentas tardes estivais. Logo estaremos misturadas, rolando na seda sibilante da manta azul, absortas na embriaguez da qual brota a vida. À nossa volta, os sabujos rondarão soltando-nos o bafo de suas fauces ansiosas e quem sabe nos lambeirão, excitados. O bosque nos ouvirá suspirar, quase desmaiando, e, de repente, gritar, feridas de morte. Um instante depois nos ouvirá rir e brincar. E nos verá ir adormecendo num sono pacífico ainda sem separar-nos.

É muito possível então que, ao nos ver prisioneiras do deus Hipnos, tomando infinitas precauções para não nos acordar com o tênue rumor de seus passos, a testemunha dos nossos excessos abandone seu refúgio e venha nos olhar na beirada da manta azul.

Ali estará ele e ali estaremos nós, outra vez imóveis, em outro instante eterno. Foncín, com a testa lívida e os pômulos rosados, seus olhos abertos com assombro e gratidão, um fiozinho de saliva

caindo de sua boca tenra. Nós, entremescladas e perfeitas, respirando ao mesmo tempo, com a expressão satisfeita de quem sabe que é feliz. Ali estaremos os três, quietos, pacientes, esperando o artista do futuro que, atizado pelo desejo, aprisione-nos em sonhos e, levando-nos à tela com seu pincel, pensa que nos inventa.

# As abluções de don Rigoberto



Don Rigoberto entrou no banheiro, passou o trinco e suspirou. Instantaneamente foi tomado por uma sensação prazerosa e gratificante, de alívio e expectativa: naquela solitária meia hora ele seria feliz. Era feliz toda noite, algumas vezes mais, outras menos, mas o minucioso ritual que tinha aperfeiçoado ao longo dos anos, como um artista que pula e arremata sua obra-prima, nunca deixava de provocar o milagroso efeito: ficava descansado, reconciliado com os semelhantes, rejuvenescido, animado. Sempre saía do banheiro com a sensação de que, apesar de tudo, a vida valia a pena ser vivida. Por isso, nunca tinha deixado de realizá-lo, desde que — fazia quanto tempo? — teve a ideia de ir transformando o que para o comum dos mortais era uma rotina que executavam com a inconsciência de uma máquina — escovar os dentes, lavar-se etc. — numa tarefa refinada que, se bem que por um tempo fugaz, fazia dele um ser perfeito.

Quando jovem tinha sido militante entusiasta da Ação Católica e sonhado mudar o mundo. Logo entendeu que, como todos os ideais coletivos, aquele era um sonho impossível, condenado ao fracasso. Seu espírito prático o induziu a não perder tempo travando batalhas que mais cedo ou mais tarde ia perder. Conjeturou então que o ideal de perfeição talvez fosse possível para o indivíduo isolado, restrito a uma esfera limitada no espaço (o asseio ou higienização corporal, por exemplo, ou a prática erótica) e no tempo (as abluções e borrifamentos noturnos de antes de dormir).

Tirou o roupão, pendurou-o atrás da porta e só de pantufas, nu, foi se sentar no vaso, separado do resto do banheiro por um biombo laqueado com umas figurinhas dançantes em cor celeste. Suas vísceras eram um relógio suíço: disciplinadas e pontuais, sempre se esvaziavam a essa hora, totalmente e sem esforço, como se estivessem felizes de se desembaraçar das apólices e problemas do dia. Desde que, na mais secreta decisão da sua vida — tanto, que provavelmente nem Lucrecia devia conhecê-la de fato —, decidiu, durante um breve fragmento de cada dia, ser perfeito, e arquitetou

essa cerimônia, nunca mais padeceu as asfixiantes constipações nem as desmoralizantes diarreias.

Don Rigoberto entrecerrou os olhos e fez pressão, suavemente. Não era preciso mais nada: sentiu de imediato a comichão benfeitora no reto e a sensação de que, lá dentro, nos vãos do baixo-ventre, algo submisso se dispunha a partir e já transitava por aquela porta de saída que, para facilitar a passagem, se alargava. O ânus, por sua vez, tinha começado a se dilatar, antecipando, preparando-se para concluir a expulsão do expulso, para depois se fechar e comprimir, com suas mil ruguinhas, como se estivesse caçoando: "Deu o fora, sacana, e nunca mais vai voltar."

Don Rigoberto sorriu, contente. "Cagar, defecar, excretar, sinônimos de gozar?", pensou. Sim, por que não. Desde que seja feito devagar e concentrado, degustando a tarefa, sem a menor pressa, prolongando, provocando um estremecimento suave e sustentado nos músculos do intestino. Não precisava empurrar e sim ir guiando, acompanhando, escoltando graciosamente o deslizar das moedas até a porta de saída. Don Rigoberto tornou a suspirar, com os cinco sentidos absortos no que acontecia dentro do seu corpo. Quase podia ver o espetáculo: aquelas expansões e retrações, os sucos e massas em ação, tudo nas tépidas trevas corporais e num silêncio vez por outra interrompido por ensurdecedores gorgorejos ou o alegre ventinho de um pum. Ouviu, por fim, o discreto chapinhar da primeira moeda desconvidada de suas vísceras enquanto submergia — flutuava, afundava? — na água do fundo do vaso. Cairiam três ou quatro mais. Oito era a sua marca olímpica, resultado de algum almoço exagerado, com misturas homicidas de gorduras, farinhas, amidos e féculas impregnadas de vinhos e álcoois. Normalmente desalojava cinco moedas; expelida a quinta, após alguns segundos de espera para dar aos músculos, intestinos, ânus e reto o tempo adequado para voltarem às suas posições ortodoxas, era invadido por um íntimo regozijo de dever cumprido, de meta atingida, a mesma sensação de limpeza espiritual que o invadia quando era criança, no colégio de La Recoleta, depois de

confessar seus pecados e cumprir a penitência que o padre confessor lhe dava.

“Mas limpar as entranhas é muito menos incerto do que limpar a alma”, pensou. Suas entranhas estavam limpas agora, não cabia a menor dúvida. Entreatriu as pernas, baixou a cabeça e espiou: aqueles volumes cilíndricos e pardacentos, semiafogados no vaso de louça verde, eram prova disso. Que confessado podia, como ele agora, ver e (se desejasse) apalpar as imundícies pestilentas que o arrependimento, a confissão, a penitência e a misericórdia de Deus extraíam da alma? Quando era crente praticante — agora só era a primeira coisa — sempre suspeitou que, apesar da confissão, não importava quão minuciosa ela fosse, um pouco de sujeira sempre ficava colada nas paredes da alma, algumas manchinhas rebeldes e tenazes que a penitência não conseguia apagar.

Era, aliás, uma sensação que tinha às vezes, embora mais minguada e sem angústia, desde que lera numa revista como os jovens noviços de um monastério budista na Índia purificavam seus intestinos. A operação constava de três exercícios ginásticos, uma corda e uma bacia para as deposições. Tinha a simplicidade e a clareza dos objetos e dos atos perfeitos, como o círculo e o coito. O autor do texto, um professor belga de ioga, tinha se exercitado durante quarenta dias para dominar a técnica. A descrição dos três exercícios mediante os quais os noviços precipitavam a evacuação não era, no entanto, clara o bastante para imaginá-la de maneira integral e imitá-la. O professor de ioga garantia que mediante aquelas três flexões, torções e giros o estômago diluía todas as impurezas e resíduos da dieta (vegetariana) a que os noviços eram submetidos. Vencida essa primeira etapa de purificação dos ventres, os jovens — com certa melancolia, don Rigoberto imaginou seus crânios raspados e seus austeros corpinhos cobertos com uma túnica cor de açafreão ou talvez neve — se colocavam na posição adequada: moles, inclinados, as pernas ligeiramente separadas e a sola dos pés bem assentada no chão para não se mexer nem um milímetro enquanto seu corpo — ofídio que deglute lentamente o interminável verme — absorvia, por contrações peristálticas, aquela

corda que, dobrando-se, desdobrando-se, avançando calma e inexoravelmente pelo úmido labirinto intestinal, empurraria de maneira irresistível todas aquelas sobras, remanescentes, aderências, minúcias e excrescências que as moedas emigrantes deixavam para trás.

“Eles se purificam como quem percute um fuzil”, pensou, novamente cheio de inveja. Imaginou a cabecinha suja da corda voltando ao mundo pelo quevedesco olhinho do traseiro, depois de ter percorrido e limpado todas as interioridades tortuosas e escuras, e o viu sair e cair na bacia como uma serpentina amassada. Lá ficaria, imprestável, com as últimas impurezas que sua presença desalojou, pronta para a pira. Como deviam sentir-se bem aqueles jovens! Que leves! Que impolutos! Nunca poderia imitá-los, naquela experiência pelo menos. Mas don Rigoberto tinha certeza de que, se eles o superavam na técnica de esterilizar os intestinos, em todo o resto seu ritual de asseio era imensamente mais escrupuloso e técnico do que o daqueles exóticos.

Deu um empurrão final, discreto e mudo, pelas dúvidas. Seria verdade aquele boato segundo o qual o erudito bibliógrafo don Marcelino Menéndez y Pelayo, que padecia de constipação crônica, passou boa parte da vida em sua casa de Santander, sentado no vaso, fazendo força? Tinham afirmado a don Rigoberto que, na casa-museu do célebre historiador, poeta e crítico, o turista podia apreciar a escrivantina portátil que aquele mandou construir para não interromper suas pesquisas e caligrafias enquanto lutava contra o seu avaro ventre, obstinado em não se desprender da imundície fecal lá acumulada pelos copiosos e pesados jantares espanhóis. Don Rigoberto ficava emocionado ao imaginar o robusto intelectual, de mente tão aberta e crenças religiosas tão firmes, encolhido em seu vaso sanitário particular, protegido talvez por uma grossa manta quadriculada nos joelhos para resistir ao gélido frescor da montanha, fazendo força ao longo de horas, enquanto, impassível, continuava escarvando os velhos in-fólios e os poeirentos incunábulos da história da Espanha em busca de heterodoxias, impiedades, cismas, blasfêmias e extravagâncias doutrinárias para catalogar.

Limpou-se com quatro quadradinhos dobrados de papel higiênico e puxou a descarga. Foi sentar no bidê, encheu-o com água morna e ensaboou minuciosamente o ânus, o falo, os testículos, o púbis, a entreperna e as nádegas. Depois se enxaguou e se secou com uma toalha limpa.

Hoje era terça-feira, dia dos pés. Tinha distribuído a semana pelos órgãos e membros: segunda, mãos; quarta, orelhas; quinta, nariz; sexta, cabelo; sábado, olhos, e domingo, pele. O elemento variável do ritual noturno lhe dava um ar cambiante e reformista. Concentrar-se toda noite em uma região do seu corpo lhe permitia realizar mais obsequiosamente seu asseio e preservação; e, também, conhecê-la e apreciá-la mais. Cada órgão e setor sendo dono por um dia dos seus desvelos, estava assegurada a perfeita equidade no cuidado do conjunto: não havia favoritismos, perseguições, nada de odiosas hierarquias no tratamento e na consideração da parte e do todo. Pensou: "Meu corpo é aquele impossível: a sociedade igualitária."

Encheu a bacia de água morna e, sentado na tampa do vaso, molhou os pés por um bom tempo para que os calcanhares, as solas, os dedos, os tornozelos e o peito dos pés desinchassem e amolecessem. Não tinha joanetes nem pé chato, mas, sim, um peito excessivamente alto. Ora, era uma deformação menor, imperceptível para quem não os submetesse a um exame clínico. Quanto ao tamanho, proporção, forma dos dedos e unhas, nomenclatura e orografia dos ossos, tudo parecia razoavelmente normal. O perigo eram as durezas e os calos que, vez por outra, tentavam enfeiá-los. Mas ele sabia cortar o mal pela raiz, sempre a tempo.

Estava com a pedra-pomes preparada. Começou pelo esquerdo. Ali, na ponta do calcanhar, onde o roçar com o sapato era maior, já começava a se insinuar uma forma adventícia, calosa, que em relação às gemas dos dedos fazia o efeito de uma parede sem argamassa. Passando e repassando a pedra-pomes sobre ela foi reduzindo-a até desaparecer. Com alegria, sentiu que aquela borda tinha recuperado o polimento e a tersura do entorno. Embora seus dedos não detectassem qualquer outra dureza nem calo a caminho,

previdentemente raspou com a pedra-pomes as duas solas, o peito dos pés e até os dez dedos.

Depois, com a tesoura e a lixa já preparadas, começou a cortar as unhas e a lixá-las, um prazer extremamente agradável. Ali, o perigo a conjurar era o panariço. Ele tinha um método infalível, resultado da sua paciente observação e sua imaginação prática: cortar a unha em forma de meia-lua, deixando nos extremos dois chifrinhos intactos que, graças à sua forma, sobressairiam da carne sem nunca se incrustar nela. Essas unhas sarracenas, aliás, graças à sua conformação selenita em quarto minguante, podiam limpar-se melhor: a ponta da lixa penetrava facilmente naquela espécie de trincheira ou alvéolo entre a unha e a carne que podia acumular poeira, condensar suor, abrigar algum resíduo. Quando terminou de cortar, limpar e lixar as unhas, escarvou minuciosamente as cutículas até deixá-las livres de tais presenças misteriosas, esbranquiçadas, cristalizadas naquelas dobras pedestres em decorrência dos atritos, da falta de ventilação e do suor.

Terminada a tarefa, contemplou e apalpou os pés com afetuosa satisfação. Jogou na privada as cutículas e a sujeira que tinha juntado num pedaço de papel higiênico e puxou a descarga. Depois, ensaboou e enxaguou os pés com todo esmero. E depois de enxugá-los, polvilhou um talco semi-invisível que exalava um cheiro leve e viril, de heliotrópio ao amanhecer.

Ainda faltava concluir as tarefas invariáveis do ritual: boca e axilas. Embora concentrasse nelas seus cinco sentidos, empregando todo o tempo necessário para assegurar o sucesso da operação, dominava de tal modo o ritual que sua atenção podia se cindir e também dedicar-se parcialmente a um princípio de estética, a cada dia da semana um diferente, extraído daquele manual, tábua ou mandato elaborado por ele mesmo, também secretamente, nesses enclaves noturnos que, com o álibi do asseio, constituíam sua religião particular e sua maneira pessoal de materializar a utopia.

Enquanto arrumava sobre a pedra de mármore ocre com estrias brancas os ingredientes do ofertório bucal — copo cheio de água, fio dental, pasta de dente, escova —, adotou um dos postulados de que

estava mais seguro, um princípio do qual, uma vez formulado, não duvidava jamais: “Tudo o que brilha é feio, principalmente os homens brilhantes.” Pôs um gole de água na boca e bochechou-a vigorosamente, vendo no espelho como seus pômulos inchavam, enquanto continuava bochechando para extrair os resíduos mais soltos, hospedados nas gengivas ou presos superficialmente entre os dentes. “Há cidades brilhantes, quadros e poemas brilhantes, festas, paisagens, negócios e dissertações brilhantes”, pensou. Tudo isso devia ser evitado como dinheiro multicolorido porém falso, ou essas bebidas tropicais para turistas, enfeitadas com frutas e bandeirolas e adoçadas com xarope.

Já estava segurando, entre o polegar e o indicador de cada mão, um pedaço de vinte centímetros de fio dental. Começou como sempre pelas peças superiores, da direita para a esquerda e depois da esquerda para a direita, tomando os incisivos como ponto de partida. Introduzia o fio no estreito interstício e levantava com ele as beiradas da gengiva, que era onde sempre se incrustavam as odiosas migalhas de pão, os fiapos de carne, os filamentos vegetais, as fibras e peles das frutas. Via com uma exaltação infantil surgirem essas presenças espúrias, erradicadas pelo fio e suas destros acrobacias. Cuspia tudo no lavatório e deixava escorrer e desaparecer no ralo, arrastado no redemoinho formado pela pequena tromba-d’água vertida da torneira. Enquanto isso, pensava: “Há cabeleiras brilhantes que coroam cérebros opacos ou os tornam assim. A palavra mais feia do castelhano é brilhantina.” Quando terminou de cavucar a fileira superior lavou a boca outra vez e limpou o fio dental no jato da torneira. Depois, com o mesmo brio e idêntico profissionalismo, empreendeu a limpeza dos caninos e molares do nível inferior. “Há conversas brilhantes, músicas brilhantes, doenças brilhantes como a alergia ao pólen, a gota, as depressões e o estresse. Há, é claro, brilhantes brilhantes.” Enxaguou a boca mais uma vez e jogou o pedaço de fio dental na lixeira.

Agora sim, podia escovar os dentes com pasta. Foi o que fez, movimentando a escova de cima para baixo, devagar e pressionando

para que as cerdas — naturais, nunca de plástico — penetrassem na intimidade daquelas ranhuras ósseas em busca dos resíduos de comida que tivessem sobrevivido ao trabalho de pá do fio dental. Primeiro escovou o lado posterior e depois o dianteiro. Quando lavou a boca pela última vez, sentiu uma agradável sensação de hortelã e limão, refrescante e juvenil, como se de repente, naquela cavidade emoldurada pelas gengivas e o paladar, alguém tivesse acionado um ventilador, ligado o ar-condicionado, e seus caninos e molares tivessem deixado de ser aqueles ossos duros e insensíveis e adquirido uma sensibilidade de lábios. “Meus dentes brilham”, pensou, com certa angústia. “Bem, pode ser a exceção que confirma a regra.” “Há”, pensou, “plantas brilhantes como a rosa. E animais brilhantes como o gato angorá”.

Subitamente imaginou dona Lucrecia nua, brincando com uma dúzia de gatinhos angorás que se esfregavam em todas as curvas do seu belo corpo, miando, e, temeroso de ter uma ereção prematura, foi imediatamente lavar as axilas. Fazia isso várias vezes por dia: de manhã, ao tomar banho, no banheiro da companhia de seguros, ao meio-dia, antes de sair para almoçar. Mas era só agora, no ritual da noite, que o fazia com consciência e deleite, exatamente como se aquilo fosse um prazer proibido. Enxaguou primeiro os dois sovacos com água morna e também os braços, friccionando-os com força para ativar a circulação. Depois, encheu a pia com água quente e desmanchou ali um pouco de sabão perfumado até ver a líquida superfície se alvoroçar de espuma. Mergulhou cada um dos braços na acariciante temperatura e esfregou os sovacos com paciência e carinho, enrolando e desenrolando suas madeixas pardas na água saponácea. Enquanto isso, sua mente prosseguia: “Há perfumes brilhantes como o da rosa e o da cânfora.” Finalmente enxugou e perfumou as axilas com uma colônia de hálito muito suave, que sugeria um cheiro de pele molhada pelo mar ou uma brisa marinha que tivesse passado, contaminando-se, entre estufas de flores.

“Sou perfeito”, pensou, olhando-se no espelho, cheirando-se.

Não havia no seu pensamento um pingão de vaidade. Esse cuidado tão laborioso com o seu corpo não tinha o objetivo de



torná-lo mais bonito ou menos feio, vaidades que de alguma maneira rendiam culto — na maior parte das vezes inconscientemente — ao desdenhado ideal gregário — não se era sempre “belo” para os outros? —, mas sim fazê-lo sentir que, dessa forma, freava um pouco o cruento solapamento do tempo, continha ou atrasava a fatídica deterioração imposta pela maligna Natureza a tudo o que existe. A sensação de travar esse combate fazia bem à sua alma. Porém, além disso, desde que se casara, e sem Lucrecia saber, também combatia a decadência do seu corpo em nome da sua esposa. “Como Amadis por Oriana”, pensou. Pensou: “Por você e para você, meu amor.”

A perspectiva de, uma vez que apagasse a luz e saísse do banheiro, encontrar no leito sua mulher esperando-o numa semimodorra sensual, todas as suas turgidezes em alerta e prontas para serem despertadas por suas carícias, deixou-o arrepiado da cabeça aos pés. “Você fez quarenta e nunca foi mais bela”, murmurou, avançando até a porta. “Eu amo você, Lucrecia.”

Um segundo antes de deixar o banheiro às escuras, notou num dos espelhos da penteadeira que suas emoções e devaneios já haviam permutado sua humanidade por uma silhueta beligerante, um perfil que tinha qualquer coisa do animal maravilhoso das mitologias medievais: o unicórnio.

Vênus com amor e música



**Figura 3**

Ela é Vênus, a italiana, filha de Júpiter, irmã de Afrodite, a grega. O tangedor de órgão lhe dá aulas de música. Eu me chamo Amor. Pequenino, mole, rosáceo e alado, tenho mil anos de idade e sou casto como uma libélula. O cervo, o pavão e o veado que se divisam pela janela estão tão vivos como o casal de amantes entrelaçados que passeia à sombra das árvores da alameda. Em contrapartida, o sátiro da fonte em cuja cabeça jorra água cristalina de uma bacia de alabastro, não: é um pedaço de mármore toscano que um hábil artista vindo do sul da França modelou.

Nós três também estamos vivos e despertados como o arroio que desce da montanha cantando entre as pedras ou como a algazarra dos papagaios que um mercador da África vendeu a don Rigoberto, nosso senhor. (Os animais cativos agora vivem enfastiados numa jaula no jardim.) Já começou o crepúsculo e a noite cairá logo. Quando ela chegar com seus andrajos plúmbeos, o órgão se calará, e eu e o professor de música teremos de partir para que o dono de tudo o que aqui se vê entre neste quarto para tomar posse da sua senhora. Vênus, a essa altura, graças à nossa vontade e bons ofícios, estará pronta para recebê-lo e atendê-lo como sua fortuna e categoria merecem. Ou seja, com fogo de vulcão, sensualidade de ofídio e presunções de gata angorá.

O jovem professor e eu não estamos aqui nos divertindo, e sim trabalhando, se bem que, é verdade, qualquer trabalho feito com eficácia e convicção se transforma em prazer. Nossa tarefa consiste em despertar a alegria corporal da senhora, avivando as cinzas de cada um dos seus cinco sentidos até inflamá-las, e em povoar sua loura cabecinha com fantasias sujas. Don Rigoberto gosta que a entreguemos assim: ardente e ávida, com todas as prevenções morais e religiosas suspensas e sua mente e seu corpo sobrecarregados de apetites. É uma tarefa grata, mas não fácil; requer paciência, astúcia e destreza na arte de sintonizar a fúria do instinto com a sutileza do espírito e as ternuras do coração.

A música reiterativa e eclesial do órgão cria a atmosfera propícia. Geralmente se pensa que o órgão, tão associado à missa e ao cântico religioso, dessexualiza e até desencarna o humilde mortal a quem suas ondas banham. Crasso engano; na verdade, a música do órgão, com sua languidez obsessiva e seus suaves miados, o que faz é desconectar o cristão do século e da contingência, isolando seu espírito de maneira que possa mergulhar em algo exclusivo e diferente: Deus e a salvação, sim, em inúmeros casos; mas, também, em muitos outros, o pecado, a perdição, a luxúria e demais truculentos sinônimos municipais do que exprime esta limpa palavra: o prazer.

O tangido do órgão aquieta e retrai a senhora; uma branda imobilidade próxima ao êxtase a embarga, e ela entrefecha os olhos para se concentrar mais na melodia que, à medida que a invade, afasta de seu espírito as preocupações e atritos da jornada e o esvazia de tudo o que não seja audição, sensação pura. Assim é o começo. O professor toca com agilidade e desenvoltura, sem se apressar, num suave crescendo enervante, escolhendo músicas ambíguas que sigilosamente nos transportam aos austeros retiros disciplinados por São Bernardo, às procissões que de repente se transformam em carnaval pagão e dali, sem transição, ao coro gregoriano de uma abadia ou à missa cantada de uma catedral com profusão de cardeais e, por fim, a um promíscuo baile a fantasia numa mansão dos subúrbios. O vinho corre aos borbotões e há movimentos suspeitos nas pracinhas do jardim. Uma linda pastora, sentada nos joelhos de um velhote sensual e barrigudo, de repente tira a máscara. E quem era? Um dos rapazes do estábulo! Ou o bobo andrógino da aldeia com verga de homem e úberes de mulher!

Minha senhora está vendo estas imagens porque eu as descrevo em seu ouvido, com uma vozinha malvada, ao compasso da música. Minha sabedoria lhe traduz em formas, cores, figuras e ações incitantes as notas do órgão cúmplice. É o que estou fazendo agora, semiençarapitado em suas costas, minha cremosa carinha avançando como um espigão sobre o seu ombro: sussurrando-lhe

fábulas pecaminosas. Ficções que a distraem e a fazem sorrir, ficções que a assustam e inflamam.

O professor não pode parar de tanger o órgão um só instante: sua cabeça depende disso. Don Rigoberto advertiu: "Se aqueles foles pararem de soprar nem que seja por um instante, entenderei que você cedeu à tentação de apalpar. Então, vou cravar esta adaga em seu coração e jogar seu cadáver para os sabujos. Agora saberemos o que é mais forte em você, meu jovem: se o desejo por minha bela ou o apego pela sua vida." É o apego pela vida, naturalmente.

Mas, enquanto aperta as teclas, tem o direito de olhar. É um privilégio que o honra e exalta, que o faz sentir-se monarca ou deus. Desfruta com fruição e deleite. Seus olhares, aliás, facilitam e complementam minha tarefa já que a senhora, notando o ardor e a homenagem que lhe prestam os olhos daquela face imberbe, e pressentindo as febris cobiças que suas tenras formas brancas despertam nesse adolescente sensível, não pode deixar de sentir-se comovida e tomada de humores concupiscentes.

Principalmente quando o tangedor do órgão olha para onde está olhando. O que encontra ou o que procura o jovem músico naquele recanto venusiano? O que tentam perfurar suas pupilas virgens? O que o imanta dessa maneira naquele triângulo de pele transparente, circundado por veinhas azuis como riachos, ensombrecido pelo depilado bosquezinho do púbis? Eu não saberia responder e penso que ele tampouco. Mas ali há algo que todo entardecer atrai os seus olhos com o imperativo de uma fatalidade ou a magia de um sortilégio. Algo como a adivinhação de que, ao pé do ensolarado montinho de Vênus, na tenra fenda protegida pelas colunas torneadas das coxas da senhora, esponjosa, encarnada, úmida com o orvalho da sua intimidade, transcorre a fonte da vida e do prazer. Muito em breve, nosso senhor don Rigoberto se inclinará para ali beber a ambrosia. O tangedor de órgão sabe que para ele tal bebida será sempre vedada, pois em breve entrará para o convento dos dominicanos. É um rapaz piedoso que desde a mais tenra infância sentiu o chamado de Deus e nada nem ninguém há de afastá-lo do

sacerdício. Embora, como me confessou, estas sessões crepusculares o façam suar gelo e ver nos seus sonhos multidões de demônios com seios e nádegas de mulher, elas não debilitaram sua vocação religiosa. Pelo contrário: convenceram-no da necessidade, para salvar a sua alma e ajudar outras pessoas a salvarem as suas, de renunciar às pompas e carnes deste mundo. Talvez olhe o crespo vergel da sua ama com tanta obstinação apenas para provar a si mesmo e mostrar a Deus que é capaz de resistir às tentações, mesmo à mais lucífera: o imarcescível corpo da nossa senhora.

Nem ela nem eu temos esses problemas de consciência e de moral. Eu, porque sou um deusinho pagão, e ainda por cima inexistente, pura e simplesmente uma imaginação dos humanos, e ela porque é uma esposa obediente que se submete a estas sessões preparatórias para a noite conjugal por respeito ao seu marido, que as planeja nos mínimos detalhes. Trata-se, pois, de uma dama dócil à vontade do seu dono, como deve ser uma esposa cristã, de maneira que, se há pecado nesses ágapes sensuais, é de se supor que só irá enegrecer a alma de quem, para seu deleite pessoal, os concebe e os comanda.

O delicado e laborioso penteado da senhora, com seus cachos, ondulações, faceiras mechas soltas, elevações e quedas, e seus adornos de pérolas exóticas, também é um espetáculo orquestrado por don Rigoberto. Ele deu instruções precisas aos cabeleireiros e ele mesmo passa em revista diariamente, como um chefe com sua mesnada, o exército de joias do enxoval da senhora para escolher as que irão luzir essa noite entre seus cabelos, rodear sua garganta, pender das suas translúcidas orelhas e aprisionar seus dedos e pulsos. "Você não é você, e sim minha fantasia", diz ela que ele lhe sussurra enquanto a ama. "Hoje você não vai ser Lucrecia e sim Vênus, e hoje vai passar de peruana a italiana e de terrestre a deusa e símbolo."

Talvez seja assim nas alambicadas quimeras de don Rigoberto. Mas ela continua sendo real, concreta, viva como uma rosa sem arrancar do galho ou uma ave que canta. Não é uma mulher formosa? Sim, formosíssima. Principalmente, neste instante, quando

seus instintos começaram a despertar, acordados pela sábia alquimia das notas alongadas do órgão, os trêmulos olhares do músico e as ardentes depravações que eu destilo em seu ouvido. Minha mão esquerda sente, ali sobre o seu peito, como sua pele foi se tensionando e aquecendo. Seu sangue começa a ferver. Este é o momento em que ela atinge a plenitude, ou (para dizê-lo cultamente) aquilo que os filósofos chamam de absoluto, e os alquimistas, transubstância.

A palavra que melhor cifra seu corpo é: túrgido. Açulada por minhas luxuriosas ficções, tudo nela se faz curva e proeminência, sinuosa elevação, maciez a têmpera. Esta é a consistência que o bom degustador deveria preferir em sua companheira na hora do amor: uma tenra abundância que parece a ponto de se derramar mas que se mantém firme, solta, elástica como uma fruta madura ou a massa recém-amassada, essa textura tenra que os italianos chamam de *morbidezza*, palavra que mesmo aplicada ao pão soa lasciva.

Agora que já está incendiada por dentro, sua cabecinha fosforescendo de imagens lúbricas, eu escalarei suas costas e me esparramarei na acetinada geografia do seu corpo, fazendo-lhe cócegas nas zonas propícias com as minhas asas, e pularei como um cachorrinho feliz no morno travesseiro do seu ventre. Esses meus atrevimentos a fazem rir e deslumbram seu corpo até deixá-lo em brasa. Minha memória já está ouvindo seu riso que virá, um riso que apaga os gemidos do órgão e cobre de líquida saliva os lábios do jovem professor. Quando ela ri, seus mamilos endurecem e se erguem como se uma invisível boca mamasse neles, e os músculos de sua barriga vibram sob a tersa pele com odor a baunilha, sugerindo o rico tesouro de tibiezas e suores da sua intimidade. Nesse momento meu empinado nariz pode sentir o aroma de queijo rançoso dos seus sucros secretos. O perfume dessa supuração de amor enlouquece don Rigoberto que — ela me contou —, de joelhos, como quem reza, absorve-o e se impregna com ele até se embriagar de felicidade. É, assegura, um afrodisíaco melhor que todos os elixires de imundas misturas que os bruxos e cupidos desta



cidade vendem aos amantes. “Enquanto você cheirar assim, serei seu escravo”, diz ela que ele lhe diz, com a língua solta dos ébrios de amor.

Logo a porta se abrirá e escutaremos o suave sussurro das pisadas de don Rigoberto no tapete. Logo o veremos aparecer na borda deste leito para verificar se fomos capazes, eu e o professor, de aproximar a rasteira realidade dos ouropéis de sua fantasia. Ouvindo o riso da senhora, vendo-a, respirando-a, entenderá que alguma coisa aconteceu nesse sentido. Fará então um quase imperceptível gesto de aprovação, que para nós será a ordem de partida.

O órgão emudecerá; com uma profunda vênia, o professor irá embora pelo pátio de laranjeiras e eu saltarei pela janela e me afastarei batendo asas rumo à noite fragrante do campo.

No quarto ficarão os dois e o rumor do seu terno embate.

O sal de suas lágrimas

Justiniana estava com os olhos arregalados e não parava de se mexer. Suas mãos pareciam hélices:

— O menino Alfonso diz que vai se matar! Porque a senhora não gosta mais dele, diz! — piscava, apavorada. — Está escrevendo uma carta de despedida, senhora.

— Isso é outro desses disparates que...? — balbuciou dona Lucrecia, olhando-a pelo espelho da penteadeira. — Você tem a cabeça no mundo da lua, não é?

Mas a cara da mucama não era de brincadeira e dona Lucrecia, que estava depilando as sobrancelhas, deixou cair a pinça no chão e sem perguntar mais nada saiu correndo escada abaixo, seguida por Justiniana. A porta do menino estava fechada a chave. A madrasta bateu com os nós dos dedos: "Alfonso, Alfonsito." Não houve resposta nem se ouviu qualquer ruído lá dentro.

— Foncho! Fonchito! — insistiu dona Lucrecia, batendo de novo. Sentiu que suas costas ficavam gélidas. — Abra! Você está bem? Por que não responde? Alfonso!

A chave girou na fechadura, rangendo, mas a porta não se abriu. Dona Lucrecia engoliu uma lufada de ar. O chão estava sólido de novo sob os seus pés, o mundo voltava ao lugar depois de passar por um tumulto ameaçador.

— Deixe-me sozinha com ele — ordenou a Justiniana.

Entrou no quarto, fechando a porta às suas costas. Fazia esforços para reprimir a indignação que a ia invadindo, agora que o susto havia passado.

O menino, ainda com a camisa e a calça do uniforme do colégio, estava sentado à sua mesa de trabalho, de cabeça baixa. Levantou-a e olhou para ela, imóvel e triste, mais bonito do que nunca. Embora ainda entrasse luz pela janela, a lâmpada estava acesa e no dourado círculo que caía sobre o mata-borrão esverdeado dona Lucrecia viu uma carta pela metade, com a tinta ainda brilhando, e uma caneta destampada ao lado de sua mãozinha com os dedos manchados.

Ela se aproximou em passos lentos.

— O que está fazendo? — murmurou.

Sua voz e suas mãos tremiam, o peito subia e descia.

— Escrevendo uma carta — respondeu na hora o menino, com firmeza. — Para você.

— Para mim? — sorriu ela, tentando parecer lisonjeada. — Posso ler?

Alfonso pôs a mão em cima do papel. Estava despenteado e muito sério.

— Ainda não — no seu olhar havia uma resolução adulta e o tom era desafiante. — É uma carta de despedida.

— De despedida? Mas por acaso você vai para algum lugar, Fonchito?

— Vou me matar — dona Lucrecia ouviu-o dizer, olhando fixo para ela, sem se mexer. Mas, depois de alguns segundos, sua compostura se quebrou e os olhos ficaram marejados: — Porque você não me ama mais, madrasta.

Ouvi-lo falar daquela maneira entre dolorida e agressiva, com a carinha contorcendo-se numa careta que tentava em vão refrear e usando palavras de amante despeitado que contrastavam tanto com sua figurinha imberbe, de calça curta, desarmou dona Lucrecia. Ela ficou muda, boquiaberta, sem saber o que responder.

— Mas que bobagem você está dizendo, Fonchito — murmurou por fim, ainda sem conseguir se recompor inteiramente. — Que eu não te amo? Mas, coração, você é como um filho para mim. Eu por você...

Ela se calou, porque Alfonso, deixando cair seu corpo sobre ela e abraçando-a pela cintura, começou a chorar. Soluçava, a cara apertada contra a barriga de dona Lucrecia, o pequeno corpo sacudido pelos suspiros e o ofegar ansioso de um cachorrinho faminto. Era um menino, agora sim não havia dúvida, pelo desespero com que chorava e o despudor com que exibia seu sofrimento. Lutando para não se deixar vencer pela emoção que lhe

obstruía a garganta e já tinha umedecido os olhos, dona Lucrecia acariciou o seu cabelo. Confusa, tomada de sentimentos contraditórios, ouviu-o desabafar, balbuciando suas queixas.

— Faz dias que não fala comigo. Pergunto alguma coisa e você vira as costas. Não me deixa mais beijá-la nem para dar bom-dia ou boa-noite, e quando volto do colégio me olha como se não gostasse de me ver entrar em casa. Por quê, madrasta? O que foi que eu fiz?

Dona Lucrecia o contradizia e beijava seu cabelo. Não, Fonchito, nada disso é verdade. Que suscetibilidade era essa, pequenino! E, procurando a forma mais atenuada, tentava explicar. Como não ia amá-lo! Demais, coraçãozinho! Pois ela vivia em função dele, sempre o tinha em mente quando estava no colégio ou jogando futebol com os amigos. É que, simplesmente, não fazia bem que ele fosse tão agarrado a ela, que se entregasse dessa forma à sua madrasta. Não era bom, bobinho, ser tão impulsivo e veemente nos afetos. Do ponto de vista emocional, era melhor que não dependesse tanto de alguém como ela, tão mais velha que ele. Seu carinho, seus interesses, ele devia partilhar com outras pessoas, sobretudo com crianças da sua idade, seus amiguinhos, seus primos. Assim ele iria crescer logo, com uma personalidade própria, assim se tornaria o homenzinho de caráter de quem ela e don Rigoberto mais tarde se sentiriam tão orgulhosos.

Mas, enquanto dona Lucrecia falava, alguma coisa no seu coração desmentia o que estava dizendo. Tinha certeza de que o menino também não lhe prestava atenção. Talvez nem estivesse ouvindo. “Não acredito numa palavra do que estou dizendo”, pensou. Agora que os soluços tinham parado, embora um profundo suspiro ainda o sobressaltasse de vez em quando, Alfonsito parecia concentrado nas mãos da sua madrasta. Ele as segurava e beijava devagarzinho, timidamente, com devoção. Depois, enquanto as esfregava em sua bochecha acetinada, dona Lucrecia ouviu-o murmurar baixinho, como se só se dirigisse aos dedos delgados que apertava com força: “Eu amo muito você, madrasta. Muito, muito... Nunca mais me trate assim, como nestes dias, porque vou me matar. Juro que vou me matar.”

E, então, foi como se dentro dela um dique subitamente desabasse e uma torrente irrompesse sobre sua prudência e sua razão, inundando-as, pulverizando princípios ancestrais que nunca tinha questionado, e até mesmo seu instinto de conservação. Abaixou-se, apoiou um joelho no chão para estar à mesma altura do menino sentado e o abraçou e acariciou, livre de travas, sentindo-se outra. Era como se estivesse no coração de uma tempestade.

— Nunca mais — repetiu, com dificuldade, porque a emoção mal lhe permitia articular as palavras. — Prometo que nunca mais vou tratar você assim. A frieza destes dias era fingida, meu pequenino. Que boba eu fui, querendo lhe fazer um bem, fiz você sofrer. Perdoe-me, coração...

E, ao mesmo tempo, beijava seus cabelos desgrenhados, sua testa, suas bochechas, sentindo nos lábios o sal de suas lágrimas. Quando a boca do menino procurou a dela, não a negou. Entrecerrando os olhos, deixou-se beijar e devolveu o beijo. Instantes depois, encorajados, os lábios do menino insistiram e empurraram, e então ela abriu os seus e deixou que uma nervosa cobrinha, desajeitada e assustada a princípio, depois audaz, visitasse sua boca e a percorresse, pulando de um lado para outro em suas gengivas e em seus dentes, e tampouco retirou a mão que, de repente, sentiu num dos seios. Repousou ali por um momento, quieta, como que tomando forças, e depois se mexeu e, arredondando-se, acariciou-o num movimento respeitoso, de pressão delicada. Muito embora, no fundo do seu espírito, uma voz a urgisse a se levantar e partir, dona Lucrecia não se mexeu. Pelo contrário, apertou o menino contra si e, sem inibições, continuou beijando-o com um ímpeto e uma liberdade que cresciam ao ritmo do seu desejo. Até que, como num sonho, ouviu a freada de um carro e, pouco depois, a voz do seu marido, chamando-a.

Levantou-se num pulo, apavorada; seu medo contagiou o menino cujos olhos se impregnaram de susto. Ela viu a roupa desarrumada de Alfonso, as marcas de carmim na sua boca. “Vá se lavar”, ordenou, às pressas, apontando, e o menino concordou e correu para o banheiro.

Ela saiu do quarto um pouco tonta e, quase aos tropeções, atravessou a saleta que dava para o jardim. Foi se trancar no banheiro de visitas. Estava desfalecendo, como se houvesse corrido. Olhando-se no espelho, teve um ataque de riso histérico que sufocou tapando a boca. “Insensata, louca”, se insultou, enquanto molhava a cara com água fria. Depois, foi se sentar no bidê e abriu o esguicho, por um bom tempo. Fez um asseio minucioso, recompôs suas roupas e suas feições e permaneceu ali até sentir-se totalmente serena outra vez, dona do seu rosto e dos seus gestos. Quando foi falar com o marido, estava fresca e risonha como se nada de anormal houvesse acontecido. Mas, embora don Rigoberto a tenha sentido tão carinhosa e solícita como sempre, transbordante de mimos e atenções, e ela tenha ouvido seus relatos de como foi o dia de trabalho com o interesse de sempre, havia em dona Lucrecia um mal-estar oculto que não a abandonou por um instante, uma contrariedade que, de vez em quando, produzia um calafrio em seu corpo e lhe tensionava o ventre.

O menino jantou com eles. Foi discreto e bem-educado, como de costume. Com seu riso saltitante premiou as piadas do pai e até pediu que ele contasse outras, “daquelas piadas fortes, papai, daquelas um pouco sujas”. Quando seus olhos cruzavam com os dele, dona Lucrecia se admirava de não encontrar naquele olhar límpido, de cor azul pálida, nem sombra de uma nuvem, o menor brilho de malícia ou de cumplicidade.

Horas depois, na intimidade da alcova às escuras, don Rigoberto murmurou mais uma vez que a amava e, cobrindo-a de beijos, agradeceu por seus dias e suas noites, pela imensa felicidade que sentia graças a ela. “Desde que nos casamos estou aprendendo a viver, Lucrecia”, ouviu que lhe dizia, exaltado. “Se não fosse por você, eu teria morrido ignorante de tanta sabedoria e sem nem sequer suspeitar o que era, de verdade, o prazer.” Ela o ouvia, comovida e feliz, mas não conseguia parar de pensar no menino. No entanto, aquela proximidade intrusa, aquela presença observadora e angelical não empobrecia, antes condimentava o seu prazer com uma essência perturbadora, febril.

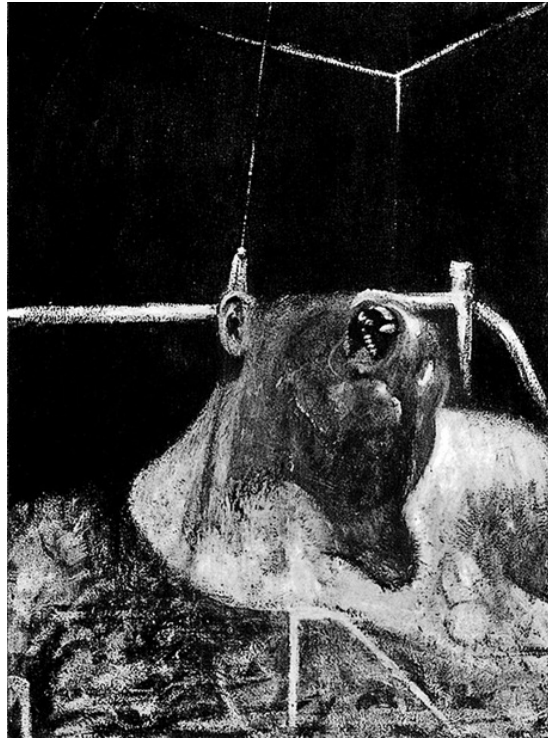
— Não me pergunta quem sou eu? — murmurou, por fim, don Rigoberto.

— Quem, quem, meu amor? — respondeu ela com a impaciência requerida, incentivando-o.

— Um monstro, ora — ouviu-o dizer, já longe, inalcançável no voo da sua fantasia.



# Perfil de humano



**Figura 4**

Perdi a orelha esquerda numa dentada, brigando com outro humano, acho. Mas, pela fina ranhura que restou, ouço claramente os sons do mundo. Também vejo as coisas, embora de viés e com dificuldade. Pois, se bem que não pareça à primeira vista, esta protuberância azulina, à esquerda da minha boca, é um olho. Que esteja ali, funcionando, capturando as formas e as cores, é um prodígio da ciência médica, um testemunho do progresso extraordinário que caracteriza o tempo em que vivemos. Eu devia estar condenado à escuridão perpétua, desde o grande incêndio — não lembro se provocado por um bombardeio ou um atentado — cujos sobreviventes ficaram todos privados da vista e de pelos, devido aos óxidos. Tive a sorte de só perder um olho; o outro foi salvo pelos oftalmologistas após 16 operações. Esse olho carece de pálpebras e lacrimeja com frequência, mas permite que eu possa me distrair vendo televisão e, sobretudo, detectar rapidamente a aparição do inimigo.

O cubo de vidro onde estou é a minha casa. Vejo através das paredes mas ninguém pode me ver de fora: um sistema muito conveniente para a segurança do lar, nesta época de imensos perigos. Os vidros da minha moradia são, é claro, antibalas, antigermes, antirradiações e insonoros. Estão sempre perfumados com um cheiro de sôvaco e almíscar que eu — já sei que só eu — adoro.

Tenho um olfato muito apurado e é pelo nariz que mais desfruto e que mais sofro. Devo chamar de nariz este órgão membranoso e gigantesco que registra todos os cheiros, até os mais sutis? Estou me referindo ao volume cinzento, com umas crostas brancas, que começa na altura da minha boca e desce, crescendo, até o meu pescoço de touro. Não, não é inchaço de bócio nem um pomo de adão avolumado pela acromegalia. É o meu nariz. Sei que não é bonito nem útil, pois sua excessiva sensibilidade faz dele uma tortura indescritível quando um rato apodrece nas proximidades ou passam matérias fétidas pelos encanamentos que atravessam o meu lar.

Mesmo assim, eu o venero e às vezes penso que meu nariz é a morada da minha alma.

Não tenho braços nem pernas mas meus quatro cotos estão bem cicatrizados e endurecidos, de maneira que posso me deslocar pelo solo com facilidade, mesmo às carreiras se for preciso. Meus inimigos não conseguiram me apanhar até agora em nenhuma das perseguições. Como perdi as mãos e os pés? Um acidente de trabalho, talvez; ou, quem sabe, um medicamento que minha mãe tomou para ter uma gravidez benigna (a ciência não acerta em todos os casos, lamentavelmente).

Meu sexo está intacto. Posso fazer amor desde que o rapazinho ou a fêmea que for meu *partenaire* me permita ficar de tal maneira que meus furúnculos não rocem no seu corpo, pois, se arrebentarem, emana deles um pus fétido e eu padeço de dores atrozes. Gosto de fornicar e, em certo sentido, diria que sou um voluptuoso. É verdade que frequentemente passo por fiascos ou sofro uma humilhante ejaculação precoce. Mas, outras vezes, tenho orgasmos prolongados e repetidos que me dão a sensação de ser aéreo e radiante como o arcanjo Gabriel. A repugnância que inspiro em meus amantes se transforma em atração, e mesmo em delírio, uma vez que — quase sempre com a ajuda de álcool ou droga — eles vencem a prevenção inicial e aceitam enroscar-se comigo numa cama. As mulheres chegam até a me amar, e os garotos se viciam com minha feiura. No fundo da alma, a fera sempre fascinou a bela, como recordam tantas fábulas e mitologias, e é estranho que o coração de um belo jovenzinho não contenha algo de perverso. Nenhum dos meus amantes jamais se lamentou. Eles e elas me agradecem por tê-los instruído nas refinadas combinações do horrível e do desejo para causar prazer. Comigo aprenderam que tudo é e pode ser erógeno e que, associada ao amor, a função orgânica mais vil, incluídas as do baixo-ventre, se espiritualiza e enobrece. A dança de gerúndios que comigo dançam — arrotando, urinando, defecando — vai acompanhá-los depois como uma lembrança melancólica dos tempos idos, da queda na imundície (que

tenta a todos e que tão poucos ousam empreender) que vivenciaram na minha companhia.

Minha maior fonte de orgulho é a minha boca. Não é verdade que fique aberta de par em par porque eu uivo de desespero. Deixo-a assim para mostrar meus dentes brancos e afiados. Não os invejaria qualquer um? Só me faltam dois ou três. Outros se conservam firmes e carniceros. Se for necessário, trituram pedras. Mas preferem cevar-se de maminhas e nádegas de vitela, incrustar-se em peitos e coxas de galinhas e capões ou gargantas de passarinhos. Comer carne é uma prerrogativa dos deuses.

Não sou infeliz nem quero que tenham compaixão de mim. Sou como sou e isso me basta. Saber que outros estão pior é um grande consolo, naturalmente. É possível que Deus exista, mas isso, a esta altura da história, com tudo o que já nos aconteceu, tem alguma importância? O mundo poderia talvez ser melhor do que é? Sim, quem sabe, mas para que perguntar isso? Sobrevivi e, apesar das aparências, faço parte da raça humana.

Olhe bem para mim, meu amor. Reconheça-me, reconheça-se.

Tuberoso e sensual

“Era uma vez um homem colado num nariz”, recitou don Rigoberto, iniciando, com uma invocação poética, a cerimônia das quintas-feiras. E recordou José María Eguren, o grácil poeta nefelibata que, considerando a palavra “nariz” foneticamente vulgar, afrancesou-a e empregou *nez* em seus poemas.

Era muito feio o seu nariz? Depende da lente através da qual se olhasse. Era rotundo e aquilino, sem complexo de inferioridade, curioso pelo mundo, muito sensível, tuberoso e ornamental. Apesar dos cuidados e prevenções de don Rigoberto, era assolado de vez em quando por ataques de espinhas, mas, esta semana, a julgar pelo que dizia o espelhinho, não havia aparecido uma só para apertar, expulsar e depois desinfetar com água oxigenada. Por um inexplicável capricho cutâneo, boa parte dele, principalmente no seu extremo inferior, bem onde se curvava e se abria em duas janelas, tinha uma coloração avermelhada, matiz borgonha envelhecido, como aquela que denuncia os bêbados. Mas don Rigoberto bebia com a mesma moderação com que comia, de maneira que aquelas vermelhidões não tinham outra causa possível, no seu entender, senão as incoerências e veleidades da senhora Natureza. A não ser que — o rosto do marido de dona Lucrecia se abriu num sorriso de orelha a orelha — seu sensível narigão vivesse ruborizado recordando os libidinosos misteres que farejava no leito conjugal. Don Rigoberto viu que os dois orifícios do seu órgão respiratório imediatamente se alargavam, antecipando aquelas brisas seminais — “emulsificantes fragrâncias”, pensou — que, dentro em pouco, entrando por ali, lhe impregnariam até os miolos. Sentiu-se mole e agradecido. Ao trabalho, então, pois tudo tinha seu tempo e seu lugar: ainda não era hora para respirações, seu safadinho.

Assoou-se forte com o lenço, primeiro um lado e depois o outro, enquanto fechava o conduto oposto com o indicador, até ter certeza de que seu nariz estava livre de mucosidades e linfa. Então, na mão esquerda a lupa de filatelista que lhe servia para explorar os cartões-postais e imagens eróticas da sua coleção e para as minúcias do

asseio, e na mão direita a tesourinha de unhas, começou a emancipar seu nariz daqueles pelinhos antiestéticos cujas negras cabecinhas já começavam a despontar no exterior, apesar de terem sido decapitados há apenas sete dias. A tarefa exigia a concentração de um miniaturista oriental para ser levada a cabo com felicidade e sem se cortar. Provocava em don Rigoberto uma pacífica quietude espiritual, a dois passos do estado de “vazio e plenitude” descrito pelos místicos.

A férrea vontade de dominar as ingratas arbitrariedades do seu corpo, forçando-o a existir dentro de certas pautas estéticas, sem ultrapassar os limites fixados por seu soberano gosto — e o de Lucrecia, de certo modo — graças a técnicas de extirpação, recorte, expulsão, rega, esfregação, tonsura, polimento etc., que tinha chegado a dominar como um exímio artesão domina o seu ofício, o isolava do resto dos homens e lhe causava a milagrosa sensação — que quando se unisse com sua mulher na escuridão do quarto atingiria o apogeu — de ter saído do tempo. Era mais que uma sensação: era uma certeza física. Todas as suas células estavam liberadas naquele instante — tchas tchas faziam as lâminas prateadas da tesourinha e tchas tchas os pelinhos cerceados desciam lentos, sem peso, pelo ar tchas tchas das suas narinas para o redemoinho de água da pia tchas tchas —, suspensas, absolvidas da deterioração do acontecer, do pesadelo do sendo. Era a virtude mágica do rito, os homens primitivos descobriram nos primórdios da história: transformar-se, durante certos instantes eternos, em puro estar. Ele tinha redescoberto essa sabedoria sozinho, por sua própria conta e risco. Pensou: “A maneira de se furtar momentaneamente à maligna decadência e às servidões burocráticas da civilidade, às convenções abjetas do rebanho, e adquirir, durante um breve parêntese por dia, uma natureza soberana.” Pensou: “Isto é uma antecipação de imortalidade.” A palavra não lhe pareceu excessiva. Nesse instante se sentia — tchas tchas, tchas tchas — incorruptível; e, logo, entre os braços e as pernas da sua esposa, sentir-se-ia um monarca. Pensou: “Um deus.”



O banheiro era seu templo; a pia, o altar dos sacrifícios; ele era o sumo sacerdote e estava oficiando a missa que toda noite o purificava e o redimia da vida. “Em poucos momentos serei digno de Lucrecia e estarei com ela”, pensou. Contemplando-o, falou com seu robusto nariz num tom cálido: “Saiba que muito em breve você e eu estaremos no paraíso, meu bom ladrão.” Seus dois orifícios se abriram, gulosos, farejando o futuro. Mas em vez dos envolventes aromas íntimos da senhora da casa, sentiram o cheiro asséptico de água e sabão com que don Rigoberto, mediante complicadas aspersões manuais e equinos movimentos com a cabeça, embelezava agora o interior já podado do seu nariz.

Terminada a parte delicada do rito nasal, sua mente pôde entregar-se de novo à fantasia e associou, de repente, o iminente leito matrimonial, onde Lucrecia jazia à sua espera, com o impronunciável nome do historiador e ensaísta holandês Johan Huizinga, um de cujos ensaios lhe havia chegado ao coração, persuadindo-o de que tinha sido escrito para ele, para ela, para os dois. Enxaguando a alma do nariz com água destilada mediante um conta-gotas, don Rigoberto se perguntou: “Nossa cama não é o espaço mágico de que fala *Homo Ludens*?” Sim, por definição. Segundo o holandês, a cultura, a civilização, a guerra, o esporte, a lei, a religião tinham brotado desse território convencional, como arborescências e frondosidades, felizes algumas, perversas outras, da irresistível propensão humana a brincar. Divertida teoria, sem dúvida; sutil também, mas certamente falsa. No entanto, o pudico humanista não aprofundou essa intuição genial aplicando-a ao domínio que a confirmava, onde quase tudo se esclarecia graças à sua luz.

“Espaço mágico, território feminino, bosque dos sentidos”, procurou metáforas para o pequeno país que Lucrecia habitava naquele momento. “Meu reino é uma cama”, decretou. Estava lavando as mãos, secando-as. O amplo colchão de três lugares permitia ao casal movimentar-se com comodidade numa direção ou noutra, esticar-se e mesmo rolar em semovente e alegre abraço sem perigo de cair no chão. Era macio porém tenso, com molas firmes e

tão perfeitamente nivelado que os corpos podiam deslizar qualquer dos seus membros por ele sem encontrar a menor aspereza ou obstáculo que conspirasse contra determinada ginástica, posição, temeridade ou brincadeira escultural durante os jogos amorosos. “Abadia da incontinência”, improvisou don Rigoberto, inspirado. “Colchão-jardim onde as flores da minha mulher se abrem e expõem suas essências secretas para este privilegiado mortal.”

Viu, no espelhinho, que seu nariz começava a pulsar como duas pequenas fauces famintas. “Deixe-me respirar você, meu amor.” Iria cheirá-la e respirá-la dos pés à cabeça, com esmero e denodo, demorando-se muito em certas partes de aroma próprio e particular e apressando-se em outras, insípidas; nasalmente a vasculharia e a amaria, ouvindo-a às vezes protestar em meio a risinhos sufocados: “Aí, não, meu amor, está me fazendo cócegas.” Don Rigoberto sentiu uma ligeira vertigem de impaciência. Mas não se apressou: quem espera não se desespera, pois se prepara para gozar com mais discernimento e saber.

Chegava ao epílogo do cerimonial quando, vindo do jardim, filtrando-se por entre as juntas dos vidros, subiu até seu nariz o penetrante perfume da madressilva. Fechou os olhos e aspirou. Era um perfume sedicioso, o dessa trepadeira incoerente. Permanecia muitos dias fechada em si mesma, sem liberar seu aroma verde, como se o estivesse entesourando e recarregando-o, e, de repente, em certos momentos misteriosos do dia ou da noite, em decorrência da umidade do ambiente, ou dos movimentos da lua e das estrelas, ou de certos discretos cataclismos ocorridos lá embaixo, no seio da terra onde se hospedavam suas raízes, descarregava sobre o mundo aquele bafo agri-doce e perturbador que fazia pensar em mulheres morenas, com cabeleiras compridas e ondulantes, e em danças nas quais se divisavam, no desenfreado redemoinho das saias, coxas acetinadas, nádegas apertadas, tornozelos finos e, fogo-fátuo veloz, a madeixa de um frondoso púbis.

Agora sim — don Rigoberto havia entrecerrado os olhos e era como se toda a energia tivesse fugido do resto do corpo para refugiar-se nos seus órgãos reprodutor e nasal — seu nariz estava

aspirando a madressilva de dona Lucrecia. E enquanto o morno e denso perfume, com reminiscências de almíscar, de incenso, de couves molhadas, de anis, de peixe em vinagre, de violetas abrindo-se, de suores de menina virgem, subia como uma emanção vegetal ou uma lava sulfurosa até seu cérebro, com uma erupção de desejo, seu nariz, tornando-se sensitivo, também podia sentir agora aquela frondosidade amada, o roçar viscoso da fenda de lábios candentes, a comichão do úmido velocino cujos sedosos filamentos penetravam em seus orifícios nasais exacerbando ainda mais o efeito de narcótico vaporoso que o corpo da amada lhe proporcionava.

Fazendo um grande esforço intelectual — repetir em voz alta o teorema de Pitágoras —, don Rigoberto interrompeu a ereção que começava a desentocar aquela cabecinha apaixonada, e, salpicando-a com punhados de água fria, apaziguou-a e devolveu-a, encolhida, ao seu discreto casulo de dobras. Contemplou enternecido o cilindro flácido que, agora sereno, elástico, balançando levemente como o badalo de um sino, prolongava seu baixo-ventre. Pensou mais uma vez que era uma grande sorte que seus pais não tivessem cogitado em circuncidá-

-lo: seu prepúcio era um fabricante diligente de sensações prazerosas e tinha certeza de que, privado daquela translúcida membrana, suas noites de amor teriam sido mais pobres, talvez uma perda tão grave como se um feitiço abolisse o seu olfato.

E subitamente recordou aqueles audazes extravagantes para os quais aspirar fragrâncias insólitas e consideradas repelentes pelo homem comum era uma necessidade vital, nem mais nem menos do que comer e beber. Tentou imaginar o poeta Friedrich Schiller enfiando avidamente seu nariz sensível nas maçãs podres que o estimulavam e predispunham à criação e ao amor, tanto como as figurinhas eróticas faziam com don Rigoberto. E depois fantasiou sobre a inquietante receita particular do elegante historiador da Revolução Francesa, Michelet — uma de cujas fantasias era observar sua amada Athéné menstruar —, que, quando a fadiga e o desânimo o exauriam, deixava de lado os manuscritos, pergaminhos e fichários dos seus estudos para se insinuar sigilosamente, como um ladrão,

até as latrinas do seu lar. Don Rigoberto intuiu a cena: de colete, levita de duas pontas, escafpins e quem sabe peitilho, ajoelhado e reverente diante do vaso de excrementos, absorvendo com infantil deleite os fétidos miasmas que, chegando aos vãos mais recônditos do seu cérebro romântico, lhe devolveriam o entusiasmo e a energia, o frescor de corpo e de espírito, o ímpeto intelectual e os generosos ideais. “Comparado com esses excêntricos, como sou normal”, pensou. Mas não se sentiu desanimado nem inferior. Considerava a felicidade que encontrara nas suas solitárias práticas higiênicas e, sobretudo, no amor da sua mulher, uma compensação suficiente para a sua normalidade. Para que, tendo isso, precisaria ser rico, famoso, extravagante, genial? A modesta escuridão que era a sua vida aos olhos dos outros, essa rotineira existência de gerente de uma companhia de seguros, escondia algo que, com toda certeza, poucos congêneres usufruíam ou sequer suspeitavam que existisse: a felicidade possível. Transitiva e secreta, sim, mínima até, mas certa, evidente, noturna, viva. Agora a sentia à sua volta como uma auréola e dentro de alguns minutos ele seria ela, e a felicidade também seria sua mulher, com ele e com ela, unidos nessa trindade profunda dos dois que, graças ao prazer, eram um, ou melhor, três. Teria resolvido, talvez, o mistério da Trindade? Sorriu: não precisava exagerar, seu abusado. Apenas uma pequena sabedoria para contrapor um antídoto momentâneo às frustrações e contrariedades com que a existência era adubada. Pensou: “A fantasia corrói a vida, graças a Deus.”

Ao atravessar a porta do quarto, suspirou, trêmulo.

À mesa

— Vou lhe dizer uma coisa que você não sabe, madраста — exclamou Alfonso, com uma luzinha vibrante nas pupilas. — Você aparece no quadro da sala.

Estava com o rosto arrebatado e alegre e esperava, com um meio sorriso travesso, que ela adivinhasse a intenção oculta naquilo que acabava de insinuar.

“É criança outra vez”, pensou dona Lucrecia no morno casulo de languidez em que se achava, entre a vigília e o sono. Há poucos instantes era um homenzinho sem preconceitos, de instinto certo, cavalgando em cima dela como um destro cavaleiro. Agora, era novamente um menino feliz, que se divertia brincando de adivinhações com sua mãe adotiva. Estava nu, de joelhos, sentado sobre os calcanhares ao lado da cama, e ela não resistiu à tentação de esticar a mão e pousá-la naquela coxa loura, cor de mel, com a penugem semi-invisível abrihantada pelo suor. “Os deuses gregos deviam ser assim”, pensou. “Os cupidos dos quadros, os pajens das princesas, os geniozinhos das mil e uma noites, os *spintria* do livro de Suetônio.” Apertou os dedos naquela carne jovem e esponjosa e pensou, com um estremecimento voluptuoso: “Você é feliz como uma rainha, Lucrecia.”

— Mas na sala só tem um Szyszlo — murmurou, sem entusiasmo. — Um quadro abstrato, meu pequenino.

Alfonsito soltou uma gargalhada.

— Pois aquela é você — afirmou. E de repente se ruborizou até as orelhas, como que incandescido por uma descarga solar. — Descobri esta manhã, madраста. Mas nem morto vou dizer como.

Teve outro ataque de riso e se jogou de bruços na cama. Ficou assim por um bom tempo, com o rosto mergulhado no travesseiro, tremendo com as gargalhadas. “O que foi que você meteu nesta cabecinha louca”, murmurou dona Lucrecia, despenteando os cabelos do menino que eram finos como areia ou pó de arroz. “Algum mau pensamento, seu bandido, você até ficou vermelho.”

Tinham passado a noite juntos pela primeira vez, aproveitando uma das rápidas viagens de negócios pelas províncias que don Rigoberto fazia. Dona Lucrecia deu folga para todos os empregados na noite anterior, de maneira que ficaram sozinhos na casa. Na véspera, depois de jantarem juntos e de verem televisão esperando a partida de Justiniana e da cozinheira, subiram para o quarto e fizeram amor antes de dormir. E fizeram de novo ao acordar, há pouco, com as primeiras luzes da manhã. Atrás das persianas cor de chocolate, o dia crescia rapidamente. Já havia barulho de gente e de carros na rua. Os empregados chegariam logo. Dona Lucrecia se espreguiçou, sonolenta. Tomariam um farto café da manhã, com sucos de frutas e ovos mexidos. Ao meio-dia, ela e Alfonsito iriam ao aeroporto buscar o marido. Don Rigoberto nunca disse, mas ambos sabiam que adorava vê-los balançando as mãos no ar enquanto descia do avião, e sempre que podiam lhe davam esse prazer.

— Então, agora já sei o que quer dizer um quadro abstrato — refletiu o menino, sem levantar o rosto do travesseiro. — Um quadro de sacanagem! Eu nem desconfiava, madrasta.

Dona Lucrecia se inclinou e se aproximou dele. Apoiou a bochecha em suas costas lisas, sem um pingo de gordura, com um brilho de orvalho, em que se insinuava, como uma diminuta cordilheira, a coluna vertebral. Fechou os olhos e lhe pareceu ouvir o lento movimento do sangue temporão sob aquela pele elástica. “Esta é a vida pulsando, a vida vivendo”, pensou, maravilhada.

Desde que fez amor com o menino pela primeira vez, perdera os escrúpulos e o sentimento de culpa que antes a mortificavam tanto. Aconteceu no dia seguinte ao episódio da carta e das ameaças de suicídio. Foi tão inesperado que, quando dona Lucrecia se lembrava do episódio, achava impossível, uma coisa não vivida e sim sonhada ou lida. Don Rigoberto tinha acabado de se trancar no banheiro para sua cerimônia noturna de higiene e ela, de roupão e camisola, desceu para dar boa-noite a Alfonsito, como prometera. O menino pulou da cama para recebê-la. Pendurado em seu pescoço, buscou seus lábios e acariciou-lhe timidamente os seios, enquanto ambos ouviam acima de suas cabeças, como uma música de fundo, don

Rigoberto cantarolando a desafinada canção de uma zarzuela, à qual o jato de água da pia fazia contraponto. E, de repente, dona Lucrecia sentiu uma presença belicosa, viril, contra seu corpo. Foi mais forte que seu senso de perigo, um arrebatamento incontido. Deixou-se escorregar para o leito enquanto atraía o pequeno para si, sem brusquidão, como se temesse quebrá-lo. Abriu o roupão e puxou a camisola, posicionando-o e guiando-o com mão impaciente. Sentiu-o se empenhar, ofegar, beijá-la, mexer-se, desajeitado e frágil como um bichinho aprendendo a andar. Sentiu-o, logo depois, soltar um gemido, gozar.

Quando voltou para o quarto, o asseio de don Rigoberto ainda não se tinha concluído. O coração de dona Lucrecia era um tambor desenfreado, um galope cego. Estava assombrada com a sua temeridade e — parecia mentira — ansiosa para abraçar o marido. Seu amor por ele tinha aumentado. A figura do menino também estava ali, em sua memória, enternecendo-a. Seria possível que tivesse feito amor com ele e agora fosse fazer com o pai? Sim, era. Não sentia remorso nem vergonha. Tampouco se considerava uma cínica. Era como se o mundo se rendesse a ela, docilmente. Estava possuída por um incompreensível sentimento de orgulho. “Esta noite gozei mais que ontem e que nunca”, ouviu don Rigoberto dizer, mais tarde. “Não sei como lhe agradecer a felicidade que você me dá.” “Eu também não, meu amor”, sussurrou dona Lucrecia, tremendo.

A partir dessa noite, tinha certeza de que os encontros clandestinos com o menino, de alguma forma obscura e tortuosa, difícil de explicar, enriqueciam sua relação matrimonial, agitando-a e renovando-a. Mas que espécie de moral é essa, Lucrecia?, perguntava-se, assustada. Como é possível que você tenha ficado assim, na sua idade, da noite para o dia? Não conseguia entender, mas também não fazia qualquer esforço para conseguir. Preferia abandonar-se a essa contraditória situação, em que seus atos desafiavam e transgrediam os seus princípios em benefício daquela exaltação intensa e arriscada que para ela tinha se tornado a felicidade. Certa manhã, ao abrir os olhos, pensou nesta frase:



“Conquistei a soberania.” Sentiu-se feliz e emancipada, mas não sabia definir de quê.

“Talvez eu não tenha a impressão de estar fazendo algo errado porque Fonchito também não tem”, pensou, acariciando o corpo do menino com a gema dos dedos. “Para ele é uma brincadeira, uma travessura. E só isso, mais nada. Ele não é meu amante. Como poderia ser, na sua idade?” O que era, então? Meu cupido, pensou. Meu *spintria*. Era o menino que os pintores renascentistas acrescentavam às cenas de alcova para que, no contraste com sua pureza, o combate amoroso parecesse mais ardente. “Graças a você, Rigoberto e eu nos amamos e gozamos mais”, pensou, beijando-o no pescoço com a ponta dos lábios.

— Eu posso lhe explicar por que aquele quadro é um retrato seu, mas me dá não sei o quê — murmurou o menino, ainda sepultado entre os travesseiros. — Quer que eu explique, madrasta?

— Quero, quero sim — dona Lucrecia examinava devotamente as veinhas sinuosas que se transluziam em certas partes da sua pele, como riachinhos azuis. — Como um quadro em que não há figuras, só formas geométricas e cores, pode ser meu retrato?

O menino levantou o rosto, zombeteiro.

— Pense, você vai ver. Lembre como é o quadro e como é você. Não acredito que não perceba. É fácil! Se adivinhar ganha um prêmio, madrasta.

— Só esta manhã você notou que esse quadro era o meu retrato? — perguntou dona Lucrecia, cada vez mais intrigada.

— Quente, quente — aplaudiu o menino. — Se continuar por esse caminho, já, já descobre. Ai, que vergonha, madrasta!

Deu outra gargalhada e voltou a se esconder entre os lençóis. No batente da janela, um passarinho começou a piar. Era um som estridente e jubiloso, que perfurava a manhã e parecia celebrar o mundo, a vida. “Tem razão de estar contente”, pensou dona Lucrecia. “O mundo é belo e vale a pena viver nele. Piu, piu.”

— É o seu retrato secreto, ora — murmurou Alfonsito. Articulava cada palavra e fazia umas pausas misteriosas, procurando criar um efeito teatral. — Daquilo que ninguém sabe nem vê de você. Só eu. Ah, e meu pai, é claro. Se não adivinhar agora, não adivinha nunca mais, madrasta.

Mostrou a língua e fez uma careta, enquanto a fitava com seu olhar azul líquido sob cuja superfície cristalina, inocente, dona Lucrecia às vezes adivinhava algo perverso, como aquelas feras tentaculares que habitam as profundezas dos paradisíacos oceanos. Suas bochechas arderam. Estaria Fonchito realmente insinuando o que ela acabava de pressentir? Ou melhor, será que o menino entendia o que significava aquilo que estava sugerindo? Sem dúvida só parcialmente, de maneira informe, instintiva, que não chegava à sua razão. Seria a infância esse amálgama de vício e virtude, de santidade e pecado? Tentou lembrar se em algum tempo remoto ela tinha sido, como Fonchito, limpa e suja ao mesmo tempo, mas não conseguiu. Voltou a encostar a bochecha nas costas fulvas do menino e sentiu inveja. Ah, quem me dera poder agir sempre com aquela semi-inconsciência animal com que ele a acariciava e a amava, sem julgá-la nem julgar a si mesmo! “Tomara que não sofra quando crescer, meu pequenino”, desejou.

— Acho que adivinhei — disse, depois de um tempo. — Mas não me atrevo a dizer porque, de fato, é uma coisa suja, Alfonsito.

— Claro que é — concordou o menino, envergonhado. Voltou a ficar ruborizado. — De qualquer forma, é a verdade, madrasta. Você é assim também, não é minha culpa. Mas não tem importância, porque ninguém nunca vai saber, não é verdade?

E, sem transição, numa das intempestivas mudanças de tom e de assunto que o faziam subir ou descer muitos degraus na escala da idade, acrescentou:

— Não está ficando tarde para ir ao aeroporto buscar o meu pai? Ele vai ficar triste se não chegarmos na hora.

O que estava acontecendo entre os dois não tinha mudado nem um pouco — pelo menos, ela não percebia — a relação de Alfonso

com don Rigoberto; dona Lucrecia achava que o menino amava seu pai da mesma forma e talvez mais do que antes, a julgar por suas demonstrações de carinho. Também não parecia experimentar ante ele o menor desconforto ou consciência pesada. “As coisas não podem ser tão simples e tudo correr tão bem”, pensou. E, no entanto, até agora eram mesmo e corriam com toda a perfeição. Quanto tempo mais duraria aquela harmoniosa fantasia? Pensou outra vez que se agisse com inteligência e cautela nada iria trincar o sonho encarnado que a vida se tornara para ela. Tinha certeza, além do mais, de que, se aquela situação arrevesada se mantivesse, don Rigoberto seria o venturoso beneficiário da sua felicidade. Mas, como sempre que pensava no assunto, um pressentimento jogou uma sombra sobre essa utopia: as coisas só ocorrem assim nos filmes e nas novelas, mulher. Seja realista: mais cedo ou mais tarde vai acabar mal. A realidade nunca é tão perfeita como as ficções, Lucrecia.

— Não, ainda temos tempo, meu amor. Faltam mais de duas horas para a chegada do avião de Piura. Se não atrasar.

— Então vou dormir um pouco, que preguiça — bocejou o menino. Virando de lado, procurou o calor do corpo de dona Lucrecia e encostou a cabeça em seu ombro. Um pouco depois, com a voz apagada, ronronou: — Será que se eu tirar o prêmio de excelência no fim do ano meu pai vai comprar a moto que eu pedi?

— Sim, vai comprar sim — respondeu, apertando-o com delicadeza e ninando-o como um recém-nascido. — Se ele não comprar, eu compro, não se preocupe.

Enquanto Fonchito dormia, respirando pausadamente — ela podia sentir, como ecos em seu corpo, os simétricos golpes do seu coração —, dona Lucrecia ficou imóvel para não acordá-lo, imersa numa quieta modorra. Semidissolvida, sua mente vagabundeava em meio a um desfile de imagens, mas, de tanto em tanto, uma delas ganhava força e se fixava com um halo insinuante na sua consciência: o quadro da sala. O que o menino lhe dissera a deixava um pouco inquieta e lhe dava uma misteriosa aflição, pois essa

fantasia infantil sugeriu profundidades mórbidas e uma argúcia insuspeitas.

Mais tarde, depois de se levantar e tomar seu café da manhã, enquanto Alfonsito tomava banho, desceu até a sala e ficou um bom tempo contemplando o Szyszlo. Foi como se nunca o tivesse visto, como se o quadro, tal como uma serpente ou uma borboleta, houvesse mudado de aparência e de ser. "Esse garotinho é uma coisa séria", pensou, perturbada. Que outras surpresas esconderia aquela cabecinha de deusinho helênico? Nessa noite, depois de ir buscar don Rigoberto no aeroporto e de ouvi-lo relatar sua viagem, abriram e festejaram os presentes que tinha trazido para ela e o menino (como fazia em todas as viagens): *natillas*, apitos e dois chapéus de palha fina de Catacaos. Depois, os três jantaram juntos, como uma família feliz.

O casal se retirou cedo para o quarto. As abluções de don Rigoberto foram mais breves que de outras vezes. Ao se reencontrarem no leito, os esposos se abraçaram apaixonadamente, como se tivessem vivido uma longuíssima separação (na realidade, apenas três dias e duas noites). Sempre era assim, desde o casamento. Mas, depois dos embates iniciais na escuridão, quando, fiel à liturgia noturna, don Rigoberto murmurou esperançado: "Não me pergunta quem sou eu?", dessa vez ouviu uma resposta que transgredia o pacto tácito: "Não. Pergunte-me você. Vai ser melhor." Houve uma pausa atônita, como o congelamento da cena de um filme. Mas, segundos depois, don Rigoberto, homem de rituais, entendeu e inquiriu, ansioso: "Quem, quem é você, meu céu?" "A mulher do quadro da sala, o quadro abstrato", respondeu ela. Houve outra pausa, um risinho entre irritado e decepcionado, um longo silêncio elétrico. "Não é hora para...", começou a repreendê-la. "Não estou brincando", interrompeu dona Lucrecia, fechando-lhe a boca com seus lábios. "Sou aquela, não sei como você ainda não percebeu." "Então me ajude, meu amor", ele se animou, reanimando-se, mexendo-se. "Explique isso. Quero entender." Ela explicou e ele entendeu.

Muito mais tarde, quando, depois de terem conversado e rido, exaustos e felizes os dois se dispunham a descansar, don Rigoberto beijou a mão de sua mulher, comovido:

— Como você mudou, Lucrecia. Agora não apenas amo você com toda a minha alma. Também a admiro. Tenho certeza de que ainda vou aprender muito com você.

— Aos quarenta se aprendem muitas coisas — sentenciou ela, acariciando-o. — Às vezes, Rigoberto, agora, por exemplo, sinto que estou nascendo de novo. E que nunca vou morrer.

Seria isso a soberania?

# Labirinto de amor



**Figura 5**

No começo, você não vai me ver nem me entender, mas precisa ter paciência e olhar. Com perseverança e sem preconceito, com liberdade e com desejo, olhar. Com a fantasia destravada e o sexo predisposto — preferivelmente, em riste —, olhar. Entra-se lá como a noviça entra no convento de clausura ou o amante na fenda da amada: com determinação, sem cálculos mesquinhos, dando tudo, exigindo nada, e, na alma, a certeza de que aquilo é para sempre. Apenas com essa condição, pouco a pouco a superfície de escuros roxos e violetas começará a se mexer, a mudar de cor, a se revestir de sentido e a se apresentar como aquilo que, na verdade, é: um labirinto de amor.

A figura geométrica da faixa central, na metade exata do quadro, aquela silhueta lisa de paquiderme com três patas é um altar, uma ara, ou, se você tiver um espírito alérgico ao simbolismo religioso, um cenário teatral. Uma cerimônia excitante acaba de ser celebrada, com reverberações deliciosas e cruéis, e o que você está vendo são os seus vestígios e as suas consequências. Sei disso porque fui a venturosa vítima; e também a inspiradora, a atriz. Essas manchas encarnadas nos pés do ser diluviano são o meu sangue e o seu esperma emanando e gelando. Sim, minha vida, aquilo que jaz em cima da pedra cerimonial (ou, se preferir, do cenário pré-hispânico), essa forma viscosa de chagas malvas e tênues membranas, de negras concavidades e glândulas que supuram cinzas, sou eu mesma. Entenda-me: eu, vista de dentro e de baixo, quando você me calcina e me espreme. Eu, irrompendo e me derramando sob o seu atento olhar libertino de macho que se desempenhou com eficiência e que, agora, contempla e filosofa.

Porque você também está ali, caríssimo. Olhando-me como se me autopsiasse, com olhos que fitam para ver e uma mente alerta de alquimista que elucubra as receitas fosforescentes do prazer. Aquele da esquerda, ereto no compartimento de reflexos marrons, aquele com meias-luas sarracenas na cabeça, engalanado com um manto de penas vivas, metamorfoseado em totem, aquele com esporões e



penugem vermelha, aquele de costas que me observa, quem poderia ser senão você? Você acaba de se levantar e tornar-se um observador. Há poucos instantes estava cego, de joelhos entre as minhas coxas, acendendo meus fogos como um serviçal abjeto e diligente. Agora, goza vendo-me gozar e reflete. Agora já sabe como sou. Agora deseja me dissolver numa teoria.

Seremos impudicos? Somos antes totais e livres, e terrestres até não poder mais. Tiraram a nossa epiderme e amoleceram os nossos ossos, expuseram as nossas vísceras e cartilagens, trouxeram à luz tudo o que, na missa ou representação amorosa que concelebramos, compareceu, cresceu, souo e excretou. Deixaram-nos sem segredos, meu amor. Esta sou eu, escravo e amo, a sua oferenda. Aberta em canal como uma rolinha pela faca do amor. Fendida e pulsando, eu. Lenta masturbação, eu. Jorro de caramelo, eu. Labirinto e sensação, eu. Ovário mágico, sêmen, sangue e orvalho do amanhecer: eu. Esse é o meu rosto para você, na hora dos sentidos. Essa sou eu quando tiro, por você, a minha pele dos dias úteis e dos feriados. Essa deve ser a minha alma, talvez. Sua, de você.

O tempo foi suspenso, claro. Lá não envelhecemos nem morremos. Gozaremos eternamente nessa meia-luz de crepúsculo que já estupra a noite, iluminados por uma lua que a nossa embriaguez triplicou. A lua real é a do centro, retinta como a asa de um corvo; aquelas que a escoltam, cor de vinho turvo, ficção.

Também foram abolidos os sentimentos altruístas, a metafísica e a história, o raciocínio neutro, os impulsos e obras de bem, a solidariedade com a espécie, o idealismo cívico, a simpatia pelo congênere; foram apagados todos os humanos exceto você e eu. Desapareceu tudo o que poderia nos distrair ou nos empobrecer na hora do egoísmo supremo que é a hora do amor. Aqui, nada nos freia nem nos inibe, como ocorre com o monstro e o deus.

Este aposento triádico — três pés, três luas, três espaços, três janelas e três cores dominantes — é a pátria do instinto puro e da imaginação que o serve, assim como sua língua serpentina e sua doce saliva me serviram e se serviram de mim. Perdemos o sobrenome e o nome, a face e o cabelo, a aparência respeitável e os

direitos civis. Mas ganhamos magia, mistério e fruição corporal. Éramos uma mulher e um homem e agora somos ejaculação, orgasmo e uma ideia fixa. Tornamo-nos sagrados e obsessivos.

Nosso conhecimento recíproco é total. Você é eu e você, você sou eu e você. Uma coisa perfeita e singela como uma andorinha ou a lei da gravidade. A perversidade viciosa — para dizê-lo com palavras em que não acreditamos e que ambos desprezamos — é representada por esses três observadores exibicionistas do ângulo superior esquerdo. São os nossos olhos, a contemplação que praticamos com tanto afã — como você agora —, o desnudamento essencial que cada qual exige do outro na festa do amor e uma fusão que só pode se expressar adequadamente traumatizando a sintaxe: eu lhe me entrego, você me se masturba, chupe-se-me-nos.

Agora, pare de olhar. Agora, feche os olhos. Agora, sem abri-los, olhe-me e olhe-se tal como nos representaram nesse quadro que tantos olham e tão poucos veem. Agora você já sabe que, antes ainda de nos conhecermos, de nos amarmos e de nos casarmos, alguém, de pincel na mão, antecipou em que horrenda glória nos transformaria, todo dia e toda noite do futuro, a felicidade que soubemos inventar.

Os palavrões

— A madrasta não está? — perguntou Fonchito, decepcionado.

— Não vai demorar — respondeu don Rigoberto, fechando às pressas *The Nude*, de sir Kenneth Clark, que estava em cima dos seus joelhos. Com um brusco sobressalto, voltou para Lima, para a sua casa, seu gabinete, saindo dos vapores úmidos e femininos do superlotado *Banho turco* do pintor Ingres, onde estava imerso. — Foi jogar *bridge* com as amigas. Entre, entre, Fonchito. Vamos conversar um pouco.

O menino sorriu, concordando. Entrou e sentou-se na beira do grande sofá inglês de couro azeitonado, sob os vinte e três tomos encadernados da coleção *Les maîtres de l'amour*, dirigida e prefaciada por Guillaume Apollinaire.

— Conte-me do Santa María — estimulou o pai, enquanto, disfarçando o livro com seu corpo, ia devolvê-lo à prateleira com vidraça e fecho onde guardava seus tesouros eróticos. — As aulas vão bem? Não tem dificuldade com o inglês?

As aulas iam muito bem e os professores eram ótimos, papai. Entendia tudo e mantinha longas conversas em inglês com o padre MacKey; com certeza este ano também ia tirar o primeiro lugar da turma. Ganharia o prêmio de excelência, quem sabe.

Don Rigoberto sorriu, satisfeito. Na verdade, aquele garoto só lhe dava alegrias. Um modelo de filho; bom aluno, dócil, carinhoso. Tirara a sorte grande com ele.

— Quer uma Coca-Cola? — perguntou. Acabava de servir-se dois dedos de uísque e manipulava o balde de gelo. Estendeu o copo para Alfonso e sentou-se ao seu lado. — Tenho que lhe dizer uma coisa, filhinho. Estou muito contente com você, pode contar com a moto que me pediu. Vai ganhá-la na semana que vem.

Os olhos do menino se iluminaram. Um amplo sorriso alvoroçou seu rosto.

— Obrigado, paizinho! — Abraçou-o e beijou sua bochecha. — A moto que eu tanto queria! Que maravilha, papai!

Don Rigoberto se afastou, rindo. Ajeitou o cabelo despenteado do menino, numa carícia discreta.

— Você tem que agradecer à Lucrecia — continuou. — Ela insistiu que eu comprasse a moto agora mesmo, sem esperar as provas.

— Eu já sabia — exclamou o menino. — Ela é muito boa comigo. Melhor ainda, acho, que a minha mãe.

— Sua madrasta gosta muito de você, pequenino.

— E eu também gosto dela — declarou o menino, de imediato, com veemência. — Como não vou gostar dela se é a melhor madrasta do mundo, ora!

Don Rigoberto bebeu e saboreou: um fogo agradável percorreu sua língua, sua garganta, e agora descia por entre as costelas. “Amável lava”, improvisou. De quem seu filho puxara a beleza? Seu rosto parecia circundado por um halo radiante e transbordava frescor e saúde. Não dele, certamente. Também não da mãe, porque Eloísa, embora atraente e de bom aspecto, nunca teve essa finura de traços, nem olhos tão claros, nem aquela transparência de pele, nem cachos de ouro tão puro. Um querubim, um pimpolho, um arcanjo de santinho de primeira comunhão. Seria melhor, para ele, que ficasse um pouco mais feio quando crescesse: as mulheres não gostam de homens com cara de bonequinho.

— Não sabe quanta alegria me dá ao ver você se entender tão bem com Lucrecia — acrescentou, depois de um tempo. — Era uma coisa que me preocupava muito quando nos casamos, agora posso lhe dizer. Que os dois não combinassem, que você não a aceitasse. Seria uma grande desgraça para nós três. Lucrecia também estava com medo. Agora, quando vejo como se dão bem, dou risada desses medos. Vocês se gostam tanto que, às vezes, até ciúmes tenho, penso que sua madrasta gosta mais de você do que de mim e que você também a prefere ao seu pai.

Alfonso riu às gargalhadas, batendo palmas, e don Rigoberto imitou-o, divertido com a explosão de bom humor do filho. Um gato miou ao longe. Passou na rua um carro com o rádio a todo volume e durante alguns segundos ouviram-se os trompetes e maracas de

uma melodia tropical. Depois surgiu a voz de Justiniana, cantarolando na copa enquanto ligava a máquina de lavar.

— O que quer dizer orgasmo, papai? — de repente perguntou o menino.

Don Rigoberto teve um ataque de tosse. Pigarreou, enquanto refletia: o que devia responder? Procurou fazer uma expressão natural e sem sorrir.

— Bem, não é um palavrão — esclareceu, prudentemente. — Decerto não. Tem a ver com a vida sexual, com o prazer. Pode-se dizer, talvez, que é a culminação do gozo físico. Uma coisa que não acontece apenas com os homens, mas também com muitas espécies de animais. Logo lhe vão falar sobre isso, na aula de biologia, com certeza. Mas, acima de tudo, não pense que é uma sem-vergonhice. Onde ouviu essa palavra, pequenino?

— Foi a minha madrasta que falou — disse Fonchito. Com uma expressão muito travessa, pôs um dedo sobre os lábios em sinal de cumplicidade. — Fiz de conta que sabia o que era. Não vá dizer a ela que foi você quem me explicou, papai.

— Não, não vou dizer — murmurou don Rigoberto. Bebeu outro gole de uísque e esquadrinhou Alfonso, intrigado. O que havia dentro dessa rubicunda cabecinha, por trás dessa testa lisa? Quem vai saber. Não diziam que a alma de uma criança é um poço insondável? Pensou: “Não devo perguntar mais nada.” Pensou: “Devo mudar de assunto.” Mas a mórbida curiosidade ou a atração instintiva pelo perigo foi mais forte, e, como quem não quer nada, perguntou: — Foi a sua madrasta quem disse essa palavrinha? Tem certeza?

O menino confirmou várias vezes, com a mesma expressão entre risonha e travessa. Tinha as bochechas arrebatadas e em seus olhos refulgia a graça.

— Ela falou que teve um orgasmo gostosíssimo — explicou, com uma voz cantarina de rouxinol.

Desta vez, o uísque escapou das mãos de don Rigoberto; paralisado pela surpresa, ele viu o copo rolar pelo tapete de

arabescos plúmbeos do gabinete. O menino se precipitou para apanhar. Devolveu-o, murmurando:

— Ainda bem que estava quase vazio. Quer que eu sirva outro, papai? Já sei como você gosta, vi como minha madrasta faz.

Don Rigoberto disse que não com a cabeça. Tinha ouvido bem? Sim, certamente: para isso tinha orelhas grandes. Para ouvir bem as coisas. Seu cérebro havia começado a crepitar como uma fogueira. Aquela conversa tinha ido longe demais e era preciso cortá-la de uma vez por todas, sob pena de algum imponderável gravíssimo. Por um instante, teve a visão de um formoso castelo de cartas desmoronando. Tinha uma lucidez total sobre o que devia fazer. Chega, acabou, vamos falar de outra coisa. Mas o canto das sereias dos abismos mais uma vez foi mais poderoso do que sua razão e sua sensatez.

— Que inventos são esses, Foncho — falava muito lentamente, mas, mesmo assim, sua voz tremia. — Você não pode ter ouvido sua madrasta dizer semelhante coisa. Não pode ser, filhinho.

O menino protestou, irado, com uma das mãos no alto.

— Claro que sim, papai. Claro que ouvi. Ela falou comigo, ora. Ontem mesmo, de tarde. Dou a minha palavra. Por que iria mentir? Alguma vez eu lhe menti?

— Não, não, você tem razão. Sempre diz a verdade.

Não podia controlar o mal-estar que havia tomado posse dele como uma febre. O incômodo era uma mosca estúpida, esbarrava em sua cara, em seus braços, e ele não podia abatê-la nem se esquivar. Levantou-se e, caminhando devagar, foi se servir de outro uísque, uma coisa um tanto insólita, pois nunca bebia mais do que uma dose antes do jantar. Quando voltou ao seu lugar, reencontrou os olhos esverdeados de Fonchito: acompanhavam suas evoluções pelo gabinete com a doçura de sempre. Sorriram para ele e, fazendo um esforço, ele também sorriu.

“Hã, hã”, pigarreou don Rigoberto, depois de alguns segundos de abominoso silêncio. Não sabia o que dizer. Seria possível que Lucrecia fizesse confidências daquela índole, que falasse com o

menino sobre o que eles faziam de noite? Claro que não, que tolice. Eram fantasias de Fonchito, coisa muito típica da idade: surgia a malícia, a florava a curiosidade sexual, a libido nascente lhe sugeria fantasias a fim de provocar conversas sobre o fascinante tabu. O melhor era esquecer tudo aquilo e dissolver com banalidades o ambiente carregado.

— Você não tem dever para amanhã? — perguntou.

— Já fiz — respondeu o menino. — Só tinha um, pai. Redação de tema livre.

— Ah, é? — insistiu don Rigoberto. — E que tema você escolheu?

O rosto do menino voltou a se iluminar com uma alegria cândida e de repente don Rigoberto sentiu um grande temor. O que estava acontecendo? O que ia acontecer?

— É sobre ela, papai, sobre quem mais podia ser? — aplaudia Fonchito. — O título é: "Elogio da madrasta". O que acha?

— Muito bom, é um bom título — respondeu don Rigoberto. E, quase sem pensar, com uma gargalhada falsa, acrescentou: — Parece título de uma novelinha erótica.

— O que quer dizer erótico? — indagou o menino, muito sério.

— Relativo ao amor físico — ilustrou don Rigoberto. Bebia do copo, aos golinhos, sem perceber. — Certas palavras, como esta, só adquirem sentido com o tempo, graças à experiência, que importa mais que as definições. Tudo isso virá pouco a pouco; não há razão alguma para se apressar, Fonchito.

— Como achar melhor, papai — assentiu o menino, abrindo e fechando os olhos: suas pestanas eram enormes e sombreavam as pálpebras com um reflexo violáceo.

— Sabe que eu gostaria de ler esse "Elogio da madrasta"?

— Claro, paizinho — o menino se entusiasmou. Levantou-se num salto e começou a correr. — Assim, se houver algum erro, você me corrige.

Nos poucos minutos que Fonchito levou para voltar, don Rigoberto sentiu que o mal-estar aumentava. Muito uísque, talvez?



Não, que ideia. Será que aquela opressão nas têmporas indicava que ele estava ficando doente? No escritório, havia várias pessoas resfriadas. Não, não era isso. O quê, então? Lembrou de uma frase de Fausto que o comovera muito quando jovem: "Amo quem deseja o impossível." Ele gostaria que esta fosse sua divisa na vida e, de certa forma, embora de maneira secreta, cultivava a sensação de ter atingido aquele ideal. Por que agora tinha a angustiante premonição de que um abismo se abria aos seus pés? Que tipo de perigo o ameaçava? Como? Onde? Pensou: "É absolutamente impossível que Fonchito tenha ouvido Lucrecia dizer: 'Tive um orgasmo gostosíssimo.'" Sentiu que era tomado por um ataque de riso e riu, mas sem a menor alegria, fazendo uma careta lastimável que o vidro da prateleira libidinosa lhe devolveu. Lá estava Alfonso. Com um caderno na mão. Entregou-o sem lhe dizer nada, olhando fixamente em seus olhos, com aquele olhar azul tão sossegado e tão ingênuo que, como dizia Lucrecia, "fazia as pessoas se sentirem sujas".

Don Rigoberto ajustou os óculos e acendeu o abajur de pé. Começou a ler em voz alta os claros caracteres caligrafados em tinta preta, mas na metade da primeira frase emudeceu. Continuou lendo em silêncio, mexendo levemente os lábios e piscando com frequência. Depois, seus lábios pararam de mover-se. Começaram a se abrir, despencando, até imporem ao rosto uma expressão abobalhada e estúpida. Um fio de saliva caiu de entre seus dentes e manchou as lapelas do paletó, mas ele pareceu não notar porque não se limpou. Seus olhos se moviam da esquerda para a direita, às vezes rápido, às vezes devagar, e volta e meia retrocediam, como se não tivessem entendido bem ou como se não pudessem aceitar que aquilo que haviam lido estava realmente escrito ali. Nem uma única vez, enquanto durou a lenta, infinita leitura, os olhos de don Rigoberto se afastaram do caderno para olhar o menino que, sem dúvida, continuava ali, no mesmo lugar, espiando suas reações, esperando que terminasse de ler e dissesse e fizesse o que devia dizer e fazer. O que devia dizer? O que devia fazer? Don Rigoberto sentiu que suas mãos estavam encharcadas. Um gota de suor lhe escorreram da testa para o caderno e espalharam a tinta nuns

borrões amorfos. Engolindo saliva, atinou a pensar: “Amar o impossível tem um preço que mais cedo ou mais tarde se paga.”

Fez um esforço supremo, fechou o caderno e olhou. Sim, lá estava Fonchito, observando-o com sua bela cara beatífica. “Luzbel devia ser assim”, pensou, enquanto levava o copo vazio à boca, em busca de um gole. Pelo tinido do cristal contra os dentes percebeu que o tremor da sua mão era forte.

— O que significa isto, Alfonso? — balbuciou. Doíam-lhe os dentes, a língua, a mandíbula. Não reconhecia a sua própria voz.

— O quê, papai?

Olhava para ele como se não entendesse o que estava acontecendo.

— O que significam essas... fantasias — gaguejou, em meio à horrível confusão que lhe atormentava a alma. — Você ficou doido, pequeno? Como pôde inventar essas sujeiras tão indecentes?

Calou-se porque não sabia mais o que dizer e sentia-se contrariado e surpreso pelo que dissera. A carinha do menino foi se apagando, entristecendo. Olhava-o sem compreender, com um pouco de dor nas pupilas e também desconcerto, mas sem a menor sombra de medo. Por fim, após alguns segundos, don Rigoberto ouviu que ele dizia aquilo que, no meio do horror que gelava seu coração, estava esperando que dissesse:

— Não são inventos, papai. Tudo o que eu conto é verdade, aconteceu assim mesmo.

Nesse momento, numa sincronização que imaginou decidida pela fatalidade ou pelos deuses, don Rigoberto ouviu que a porta da rua se abria e ouviu a melodiosa voz de Lucrecia dando boa-noite ao mordomo. Chegou a pensar que o rico e original mundo noturno de sonhos e desejos em liberdade que erguera com tanta dedicação tinha estourado como uma bolha de sabão. E, subitamente, sua maltratada fantasia desejou, com desespero, transmutar-se: era um ser solitário, casto, livre de apetites, a salvo de todos os demônios da carne e do sexo. Sim, sim, este era ele. O anacoreta, o santarrão,

o monge, o anjo, o arcanjo que sopra o trompete celestial e desce ao jardim para levar a boa-nova às santas garotas.

— Olá, olá, cavalheiro e cavalheirinho — cantou dona Lucrecia da soleira da porta do gabinete.

Sua nívea mão jogou uns beijos pelo ar, para o pai e para o filho.

O jovem rosado



**Figura 6**

O calor do meio-dia me adormeceu e não o ouvi chegar. Mas abri os olhos e estava lá, aos meus pés, em meio a uma luz rosada. Estava ali, de verdade? Sim, eu não sonhei. Deve ter entrado pela porta dos fundos, que meus pais deixaram talvez aberta, ou quem sabe pulando a cerca do pomar, uma cerca que qualquer garoto supera sem esforço.

Quem era ele? Não sei, mas, estou convicta, estive aqui, neste mesmo corredor, ajoelhado aos meus pés. Eu o vi e ouvi. Acaba de ir embora. Ou seria melhor dizer que se dissolveu? Sim: ajoelhado aos meus pés. Não sei por que se ajoelhou, mas não era para zombar de mim. Desde o início me tratou com tanta doçura e reverência e mostrou tanto respeito e humildade que minha aflição ao ver, ali tão perto, um estranho evaporou como o orvalho ao sol. Como é possível que não tenha ficado apreensiva estando a sós com um forasteiro? Com alguém que, além do mais, entrou no pomar da minha casa quem sabe como? Não entendo. Mas em todo o tempo que o jovem ficou aqui, falando comigo como se fala com uma mulher importante e não com a garota modesta que sou, eu me senti mais protegida do que junto aos meus pais ou que no Templo, aos sábados.

Que bonito ele era! Não deveria dizer essas coisas, mas a verdade é que nunca tinha visto um ser tão harmonioso e suave, com formas tão perfeitas e uma voz tão sutil. Quase não podia olhar para ele; cada vez que meus olhos pousavam em suas tenras bochechas, em sua fronte limpa ou nas longas pestanas dos seus grandes olhos cheios de bondade e de sabedoria, sentia um cálido amanhecer no meu rosto. Será isso, magnificado para o corpo todo, que as garotas sentem quando se apaixonam? Esse calor que não vem de fora, mas de dentro do corpo, do fundo do coração? Minhas amigas do povoado falam disso frequentemente; eu já sei, mas quando me aproximo elas se calam pois sabem que sou muito tímida e que certos assuntos — esse, por exemplo, o amor — me confundem tanto que meu rosto fica grená e começo a gaguejar. É

ruim ser assim? Esther diz que, de tão tímida e envergonhada, nunca vou saber o que é o amor. E Deborah sempre tenta me animar: "Você tem que ser mais audaz, senão sua vida será triste."

Mas o jovem rosado dizia que sou eu a escolhida, que, entre todas as mulheres, eu fui a indicada. Por quem? Para quê? Por quê? Que coisa boa ou má terei feito para alguém me preferir? Sei muito bem que valho pouco. Na aldeia há moças mais lindas e trabalhadoras, mais fortes, mais ilustradas, mais valentes. Por que me escolheriam, então? Por ser mais reservada e assustadiça? Pela minha paciência? Por me dar bem com todo mundo? Pelo carinho com que ordenho nossa cabrita e a alegria com que cumpro as tarefas simples de todo dia, como limpar a casa, regar a horta e preparar a comida dos meus pais? Não creio ter mais méritos que esses, se é que o são, e não defeitos. Deborah me disse certa vez: "Você carece de aspirações, Maria." Talvez seja verdade. O que fazer se nasci assim: gosto da vida, e o mundo me parece belo tal como é. Por isso talvez digam que sou simples. E sem dúvida sou, pois sempre evitei complicações. Mas alguns sonhos, lá isso tenho. Queria que minha cabrita não morresse nunca, por exemplo. Quando ela lambe a minha mão, penso que um dia vai morrer e meu coração se encolhe. Não é bom sofrer. Queria, também, que ninguém sofresse.

O jovem dizia coisas absurdas, mas de maneira tão melodiosa e cândida que não me atrevi a rir. Que eu seria abençoada, eu e o fruto do meu ventre. Isso dizia. Seria um mago, talvez? Estaria com essas palavras formulando algum conjuro a favor ou contra alguma coisa, ou alguém? Não soube perguntar. Diante de suas palavras, só atinei a balbuciar o que sempre respondo quando meus pais me instruem ou repreendem: "Está bem, vou fazer da minha parte o que me pedirem, senhor." E cobri a barriga com as mãos, assustada. Será que "fruto do meu ventre" quer dizer que terei um filho? Que feliz me sentiria. Quem dera fosse um homem tão doce e misterioso como o jovem que veio me ver.

Não sei se fico alegre ou triste com essa visita. Pressinto que a partir dela minha vida mudará. De que maneira? Será para o meu

bem ou para a minha desgraça? Por que, no meio do regozijo que me causa lembrar-me das doces palavras desse jovem, sinto, de repente, medo, como se a terra se abrisse subitamente e eu divisasse aos meus pés um abismo repleto de monstros horrendos onde querem me obrigar a pular?

Ele me disse palavras bonitas, que soavam muito bem, mas difíceis de entender. "Destino extraordinário, destino sobrenatural", entre outras coisas. A que se referia? Minha maneira de ser me predispõe antes ao corriqueiro, ao comum. Tudo o que se destaca ou desafina, qualquer gesto ou ação que violente o costume ou a normalidade me inibe e me desarma. Quando alguém se excede na minha frente e faz um papel ridículo, meu rosto se inflama e padeço por ele. Só me sinto confortável quando vejo que os outros não me notam. "Maria é tão discreta que parece invisível", brinca comigo Raquel, minha vizinha. Eu gosto de ouvi-la dizer isso. É verdade: para mim, passar despercebida é ser feliz.

Mas isso não significa que eu careça de sonhos e de sentimentos. Só que nunca me senti atraída pelo extraordinário. Fico assombrada quando ouço minhas amigas: querem viajar, ter muitos servos, desposar um rei. Essas fantasias me intimidam. O que faria em outras terras, entre gente diferente da nossa, ouvindo outros idiomas? E que lamentável rainha seria eu, que perco a voz e sinto as mãos tremerem quando há algum desconhecido me ouvindo. O que peço à vida é um marido honesto, filhos saudáveis e uma existência tranquila, sem fome e sem medo. O que o jovem quis dizer com "destino extraordinário, sobrenatural"? Minha timidez me impediu de responder o que deveria: "Eu não estou preparada para isso, não sou aquela de que está falando. Vá buscar na casa da bela Deborah, será melhor, ou na de Judith, que é tão decidida, ou na casa de Raquel, a inteligente. Como pode me anunciar que eu serei a rainha dos homens? Como pode dizer que vão rezar por mim em todas as línguas e que meu nome cruzará os séculos como os astros cruzam o céu? Pois se enganou de garota e de casa, senhor. Eu sou muito pouco para essas grandezas. Eu quase não existo."



Antes de partir, o jovem se inclinou e beijou a borda da minha túnica. Por um segundo, vi suas costas: havia nelas um arco-íris, como se ali tivessem pousado as asas de uma borboleta.

Agora foi embora e me deixou com a cabeça cheia de dúvidas. Por que me tratou de senhora se ainda sou solteira? Por que me chamou de rainha? Por que descobri um brilho de lágrimas em seus olhos quando me vaticinou que sofreria? Por que me chamou de mãe se sou virgem? O que está acontecendo? O que vai ser de mim a partir desta visita?

# Epílogo

— Você não sente remorso, Fonchito? — perguntou Justiniana, de repente. Ia apanhando e dobrando em cima de uma cadeira a roupa que o menino tirava de qualquer jeito e depois lhe jogava em passes de basquete.

— Remorso? — assombrou-se a voz cristalina. — Mas de quê, Justita?

Ela, agachada para pegar um par de meias com losangos verdes e vermelhos, espiou-o pelo espelho da cômoda: Alfonso acabava de sentar-se na beira da cama para vestir a calça do pijama, encolhendo e esticando as pernas. Justiniana viu aparecerem seus pés brancos e esbeltos, com calcanhares rosados, viu-o mexer os dez dedos como que fazendo um exercício. Por fim, seu olhar encontrou o do menino, que imediatamente lhe sorriu.

— Não faça essa cara de sonso, Foncho — disse, levantando-se. Alisou a roupa na altura dos quadris e suspirou, observando o menino perplexo. Sentia que, mais uma vez, ia ser vencida pela raiva. — Eu não sou ela. Com essa cara de santinho, você não me compra nem me engana. Diga a verdade, por uma vez. Você não sente remorso? Nem um pouco?

Alfonso soltou uma gargalhada, abrindo os braços, e se deixou cair de costas na cama. Esperneou, com as pernas levantadas, arremessando e recebendo a imaginária bola. Sua risada era forte e eloquente e Justiniana não captou nela qualquer sombra de zombaria ou de má intenção. “Merda”, pensou, “quem entende este moleque”.

— Juro por Deus que não sei do que você está falando — exclamou o menino, sentando-se. Beijou com convicção os dedos cruzados. — Ou está fazendo uma adivinhação, Justita?

— Vá para a cama de uma vez senão pode se resfriar. Não estou com a menor vontade de cuidar de você.

Alfonso obedeceu no ato. Pulou, levantou os lençóis, introduziu-se agilmente entre eles e ajeitou o travesseiro sob as costas. Depois,

ficou olhando para a moça de uma maneira dengosa e confiante, como se fosse receber um prêmio. Seu cabelo caía em cima da testa e os grandes olhos azuis fosforesciam na semipenumbra em que se encontravam, pois a luz da lâmpada se detinha em suas bochechas. A boca sem lábios estava entreaberta, reluzindo a branquíssima fileira de dentes que acabava de escovar.

— Estou falando de dona Lucrecia, diabinho, você sabe muito bem, de modo que não se faça de bobo — disse ela. — Não fica triste pelo que fez?

— Ah, era dela — exclamou o menino, decepcionado, como se o assunto fosse óbvio e enfadonho demais para ele. Encolheu os ombros e não vacilou um segundo ao acrescentar: — Por que vou ficar triste? Se ela fosse minha mãe, ficaria. Por acaso era?

Não havia rancor nem cólera quando falava dela, nem em seu tom nem em sua expressão: mas essa indiferença era o que, justamente, irritava Justiniana.

— Você fez seu pai expulsá-la desta casa como um cão — sussurrou, apagada, melancólica, sem voltar a cabeça para ele, os olhos fixos no chão lustroso de madeira. — Primeiro mentiu para ela e depois para ele. Fez os dois se separarem, quando eram tão felizes. Por sua culpa, ela agora deve ser a mulher mais infeliz do mundo. E don Rigoberto também, desde que se separou da sua madrastra ele parece uma alma penada. Não vê como os anos pesaram sobre ele em poucos dias? Isso também não lhe dá remorso? E ele virou um beato, um santarrão como nunca vi. Os homens ficam assim quando sentem que vão morrer. E tudo por sua culpa, bandido!

Virou-se para o menino, assustada, pensando que tinha falado mais do que era prudente. Desde o que havia acontecido, não confiava mais em nada nem em ninguém nesta casa. A cabeça de Fonchito tinha avançado em sua direção e o cone dourado da lâmpada a circundava como uma coroa. Sua surpresa parecia ilimitada.

— Mas eu não fiz nada, Justita — gaguejou, piscando, e ela viu que o pomo de adão subia e descia em seu pescoço como um bichinho nervoso. — Eu nunca menti para ninguém, muito menos para o meu pai.

Justiniana sentiu o rosto arder.

— Mentiu para todo mundo, Foncho! — elevou a voz. Mas se calou, tapando a boca, pois nesse instante ouviu-se, lá em cima, a água do lavatório correndo. Don Rigoberto havia começado suas abluções noturnas, que, desde a partida de dona Lucrecia, eram muito mais breves. Agora se deitava sempre bem cedo e ninguém o ouvia mais cantarolando zarzuelas enquanto se asseava. Quando Justiniana voltou a falar o fez baixinho, repreendendo o menino com o dedo indicador. — E mentiu também para mim, é claro. Quando penso que engoli a história de que ia se matar porque dona Lucrecia não gostava de você.

Agora sim, subitamente, a cara do menino se indignou.

— Não era mentira — disse, segurando-a pelo braço e sacudindo-a. — Era verdade, era aquilo mesmo. Se minha madrasta continuasse me tratando como naqueles dias, eu teria me matado. Juro que sim, Justita!

A moça retirou o braço bruscamente e se afastou da cama.

— Não jure em vão que Deus pode castigar — murmurou.

Foi até a janela e, ao puxar as cortinas, percebeu que várias estrelas cintilavam no céu. Ficou olhando para elas, surpresa. Que estranho ver essas luzinhas titilantes em vez da costumeira neblina. Quando se virou, o menino apanhara o livro que estava na mesinha e, ajeitando o travesseiro, ia começar a ler. Parecia tranquilo e contente outra vez, em paz com sua consciência e com o mundo.

— Pelo menos me diga uma coisa, Fonchito.

Lá em cima, a água do lavatório corria com um murmúrio constante e idêntico, e no telhado dois gatos miavam, brigando ou fornicando.

— O quê, Justita?

— Você planejou tudo desde o começo? A pantomima de que gostava tanto dela, a história de subir no telhado para espiar enquanto ela tomava banho, a carta ameaçando se matar. Fez tudo isso com mentiras? Só para ela gostar de você e depois poder acusá-la ao seu pai de que o estava corrompendo?

O menino colocou o livro na mesinha, marcando a página com um lápis. Uma expressão ofendida desarmou seu rosto.

— Eu nunca disse que ela estava me corrompendo, Justita! — exclamou, escandalizado, açoitando o ar com uma das mãos. — Isso é você que está inventando, não troque as coisas. Foi meu pai quem disse que ela estava me corrompendo. Eu só escrevi aquela redação, contando o que nós fazíamos. A verdade, ora. Não menti nada. Eu não tenho culpa de que a tenha mandado embora. Quem sabe era verdade o que ele disse. Quem sabe ela estava mesmo me corrompendo. Se meu pai disse, deve ser. Por que você se preocupa tanto com isso? Preferiria ter ido embora com ela ou ficar nesta casa?

Justiniana apoiou as costas na prateleira onde Alfonso guardava seus livros de aventuras, as flâmulas, diplomas e as fotos de colégio. Entrefechou os olhos e pensou: “Deveria ter ido há um bom tempo, é verdade.” Desde a partida de dona Lucrecia, tinha o pressentimento de que um perigo também a rondava aqui e vivia pisando em brasas, com a permanente sensação de que, se se descuidasse um instante, também iria cair numa emboscada da qual se sairia pior do que a madrasta. Tinha sido uma imprudência desafiar o menino daquela maneira. Não o faria nunca mais porque Fonchito, embora sim em idade, não era uma criança, era alguém com mais manhas e sinuosidades do que todos os velhos que ela conhecia. E, no entanto, no entanto, olhando aquele rostinho doce, aquelas feições de bonequinho, quem iria acreditar.

— Está zangada comigo por alguma coisa? — ouviu-o dizer, compungido.

Melhor não provocá-lo mais; melhor fazer as pazes.

— Não, não estou — respondeu, andando para a porta. — Não leia muito que amanhã tem colégio. Boa noite.

— Justita.

Virou-se para olhá-lo já com uma das mãos abrindo a porta.

— O que você quer?

— Não se zangue comigo, por favor. — Implorava com os olhos e com as longas pestanas abanando; rogava com a boca franzida num biquinho e as covinhas pulsando nas bochechas. — Eu gosto demais de você. Mas você, ao contrário, você me odeia, não é, Justita?

Falava como se fosse começar a chorar.

— Não odeio você, seu bobo, como iria odiar.

Lá em cima a água continuava correndo, fazendo um som uniforme, interrompido por breves espasmos, e também se ouvia, de vez em quando, os passos de don Rigoberto indo de um lado para outro do banheiro.

— Se é verdade que não me odeia, me dê pelo menos um beijo de despedida. Como antes, sabe, será que esqueceu?

Ela hesitou um instante, mas depois concordou. Foi até a cama, inclinou-se e beijou-o rapidamente no cabelo. Mas o menino a reteve, jogando os braços em volta do seu pescoço e fazendo-lhe gracinhas e caretas, até que Justiniana, mesmo a contragosto, sorriu. Vendo-o assim, mostrando a língua, revirando os olhos, balançando a cabeça, levantando e baixando os ombros, não parecia o diabinho cruel e frio que tinha dentro de si, mas sim o garotinho lindo que era por fora.

— Chega, chega, chega de palhaçadas e vamos dormir, Foncho.

Beijou outra vez seu cabelo e suspirou. E embora tivesse acabado de prometer a si mesma que não voltaria a falar do assunto, de repente se ouviu dizer, apressada, contemplando aquelas fibras douradas que roçavam seu nariz:

— Fez tudo isso por dona Eloísa? Porque não queria que ninguém substituísse sua mãe? Porque não podia suportar que dona Lucrecia ocupasse o lugar dela nesta casa?

Sentiu que o menino ficava rígido e em silêncio, como que meditando sobre o que devia responder. Depois, os bracinhos enlaçados em seu pescoço fizeram pressão para obrigá-la a abaixar a cabeça, de modo que a boquinha sem lábios pudesse aproximar-se do seu ouvido. Mas em vez de ouvi-lo murmurar o segredo que esperava sentiu que a mordiscava e beijava, na borda da orelha e no começo do pescoço, até fazê-la estremecer de cócegas.

— Fiz por você, Justita — ouviu-o sussurrar, com uma ternura aveludada —, não foi pela minha mãe. Foi para que ela saísse desta casa e só ficássemos meu pai, eu e você. Porque eu e você...

A moça sentiu que, de repente, a boca do menino se apertava contra a sua.

— Meu Deus, meu Deus — soltou-se dos seus braços, empurrando-o, sacudindo-o. Saiu do quarto aos tropeções, esfregando a boca, fazendo o sinal da cruz. Sentia que se não tomasse um pouco de ar seu coração ia explodir de raiva. — Meu Deus, meu Deus.

Já lá fora, no corredor, ouviu que Fonchito estava rindo outra vez. Não com sarcasmo, não caçoando do rubor e da indignação que a dominavam. Com alegria autêntica, como que comemorando uma graça. Fresco, terminante, saudável, infantil, seu riso abafava o som da água do lavatório, parecia encher toda a noite e subir até as estrelas que, por uma vez, tinham aparecido no céu barrento de Lima.



Jornalista, dramaturgo, ensaísta e crítico literário, Mario Vargas Llosa é um dos mais importantes escritores da atualidade. Nascido em Arequipa, no Peru, em 1936, viveu em Paris na década de 1960 e lecionou em diversas universidades norte-americanas e europeias ao longo dos anos. Numa incursão ao mundo da política, candidatou-se à presidência do Peru em 1990, perdendo a eleição para Alberto Fujimori.

Autor de uma extensa obra literária, foi vencedor dos prestigiosos prêmios Cervantes, Príncipe de Astúrias, PEN/Nabokov e Grinzane Cavour. Em 2010, recebeu o prêmio Nobel de Literatura. O autor divide seu tempo atualmente entre Londres, Paris, Madri e Lima. Entre seus livros publicados, destacam-se *Pantaleão e as visitadoras*, *Tia Julia e o escrevinhador*, *A guerra do fim do mundo*, *Os cadernos de don Rigoberto* e *Travessuras da menina má*.

### Créditos das Imagens

Figura 1 – Jacob Jordaens, *Candaules, rei da Lídia, mostra sua mulher ao primeiro-ministro Giges* (1648), óleo sobre tela, Museu Nacional de Estocolmo; Figura 2 – François Boucher, *Diana depois de seu banho* (1742), óleo sobre tela, Museu do Louvre, Paris; Figura 3 – Tiziano Vecellio, *Vênus com o amor e a música*, óleo sobre tela, Museu do Prado, Madri; Figura 4 – Francis Bacon, *Cabeça I* (1948), óleo e têmpera, coleção Richard S. Zeisler, Nova York; Figura 5 – Fernando de Szyszlo, *Caminho para Mendieta 10* (1977), acrílico sobre tela, coleção particular; Figura 6 – Fra Angelico, *A Anunciação* (c.1437), afresco, Museu de San Marco, Florença.

# Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

O aniversário de dona Lucrecia

Candaules, rei da Lídia

As orelhas da quarta-feira

Olhos como vaga-lumes

Diana após o banho

As abluções de don Rigoberto

Vênus com amor e música

O sal de suas lágrimas

Perfil de humano

Tuberoso e sensual

À mesa

Labirinto de amor

Os palavrões

O jovem rosado

Epílogo

Sobre o Autor  
Crédito das Imagens